

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
PERNAMBUCO – IFPE *CAMPUS* RECIFE  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE AMBIENTE, SAÚDE E SEGURANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**JONNY PÁDUA GOMES**

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS (EJA) NA ESCOLA HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O  
CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no ensino de  
Geografia**

**RECIFE  
2018**

**JONNY PÁDUA GOMES**

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS (EJA) NA ESCOLA HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O  
CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no ensino de  
Geografia**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia do IFPE- *Campus* Recife como uma das exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Me. Clézia Aquino de Braga.

**RECIFE**

**2018**

Ficha elaborada pela bibliotecária Ana Lia Evangelista CRB4/974

G633p

Gomes, Jonny Pádua.

A percepção dos estudantes do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola Henriqueta de Oliveira sobre o conceito de paisagem: vivências em campo de estágio no ensino de Geografia / Jonny Pádua Gomes. Recife, PE: O autor, 2018. 98f. il. color. : 30 cm.

TCC (Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Pernambuco, DASS 2018.

Inclui Referências e apêndices.

Orientador: Professora Me. Clézia Aquino de Braga.

1. EJA. 2. Ensino de Geografia. 3. Estágio. 4. Paisagem. 5. Percepção I. Braga, Clézia Aquino de (Orientadora). II. Título.

CDD 910.01 (21ed.)

**JONNY PÁDUA GOMES**

**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS (EJA) NO COLÉGIO HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O  
CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no ensino de  
Geografia**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia do IFPE- *Campus* Recife como uma das exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

**Banca Examinadora**

---

Orientadora: Profa. Me. Clézia Aquino de Braga  
Instituto Federal de Pernambuco – *Campus* Recife

---

Membro Interno: Prof. Dr. Wedmo Teixeira Rosa.  
Instituto Federal de Pernambuco – *Campus* Recife

---

Membro Externo: Prof. Me Ana Alice Freire Agostinho  
Universidade de Pernambuco – *Campus* Barreiros

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19 de dezembro de 2018.

Dedico a meus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a minha família, especificamente aos meus pais, que sempre investiram na minha vida pessoal e estudantil, e os conhecimentos de mundo e experiências de vida que me passaram. Este é o momento de recordar com as pessoas e o Instituto Federal de Educação Ciência, e Tecnologia de Pernambuco a colaboração da minha formação docente no Curso de Licenciatura em Geografia deste TCC. Meus sinceros agradecimentos.

À professora Clézia Braga, que aceitou ser minha orientadora, nunca desistiu de mim e tanto me ajudou quando mais precisei. Obrigado pelos “puxões de orelha”, pela preocupação com o trabalho, pela paciência comigo. À senhora, em especial, meu muito obrigado, por tudo.

Aos meus colegas de classe, em especial o grupo da bagunça: Alex Torres, Thiago Albuquerque e Wagner Salgado.

À coordenação do Curso em Licenciatura em Geografia (CGEO). Ao professor Marcelo Miranda, grande exemplo de ser humano, agradeço os diálogos e ensinamentos; ao professor Adauto Gomes e Wedmo Rosa, suas enormes contribuições acadêmicas. À professora Fernanda Leite, sua imensa bondade e generosidade, grande exemplo de ser humano. Aos demais professores do curso, suas contribuições em minha formação. A Felipe Marangoni, sua contribuição na tradução do texto de resumo e a todos que de alguma forma me ajudaram; aqui ficam meus votos sinceros.

À Escola Henriqueta de Oliveira, meu campo de estágio durante a minha formação como professor. Sobretudo, ao professor de Geografia e os estudantes das turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a efetiva colaboração desta pesquisa como participantes das entrevistas e questionários. Vocês são inesquecíveis nesta trajetória de vida ao acreditar e reconhecer minha pesquisa e o desempenho de todos em fornecer os dados mais fidedignos possíveis. A todos os colegas que estimularam com palavras positivas minha caminhada na construção do TCC.

Sou muito agradecido.

Nunca deixe seus sonhos morrerem, porque a vida sem sonhos é como um pássaro com asa ferida que não pode voar.

(A. Araújo)

## RESUMO

Esta pesquisa, tem o objetivo de analisar as percepções dos estudantes do Curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre o conceito de paisagem e a sistematização e produção das atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula no ensino de Geografia. A percepção dos estudantes da Escola Henriqueta de Oliveira tem como objetivo analisar a importância dada pelos estudantes aos significados da paisagem no ensino de geografia. Parte-se da percepção de que o conceito da paisagem é dinâmico, por isso é um procedimento didático pedagógico imprescindível para a formação cidadã, porque toda paisagem é simbólica e dotada de significados construídos em conjunturas distintas pelas sociedades. Por esse olhar, o estudo valoriza de forma integral outros princípios da Geografia e o entendimento do lugar onde vivemos. O reconhecimento dos significados estudados em sala de aula sobre paisagem e ensino exigiu trajetória de conhecimento teórico e empírico, o que se fundamentou na seleção de alguns autores que tratam da temática. O aporte teórico metodológico apoiou-se em diversos pensadores e estudos que mobilizam as reflexões e o Ensino de Geografia. A pesquisa adota uma interpretação qualitativa e abordagem do tipo colaborativa. Para construção dos dados, utilizaram-se como procedimentos metodológicos o questionário, a entrevista semiestruturada, observação e registros, e análise documental. A organização da análise de dados fundamentou-se no método de Bardin (2011), que deu oportunidade de listar as categorias e tematizar os elementos de registro, os quais deram surgimento às categorias empíricas. O aporte teórico metodológico da pesquisa que orientou a análise apontou cinco categorias: Percepção, Paisagem, Ensino de Geografia, Estágio Curricular, Educação de Jovens e Adultos. Quanto à Percepção, a pesquisa expressou, por parte dos entrevistados, que o estudo da paisagem é imprescindível para o ensino de Geografia. Contudo, em seus discursos sobre paisagem e seus significados, as racionalidades emitidas pelos entrevistados subordinam-se a modelos de aprendizagem instruídos e ensinados em uma abordagem tradicional ao longo de sua formação. Assim, evidenciou-se a dificuldade dos estudantes em fazer as multirrelações espaciais e perceber quanto a dinâmica da paisagem pode ser estudada e entendida no olhar crítico. A pesquisa mostrou que a paisagem promove a aprendizagem lúdica e pautada no diálogo da autonomia dos sujeitos estudantes e sujeitos professores envolvidos propiciando o congresso dos pontos de vista e suas distintas intencionalidades, saberes; também a necessidade de aprofundar o tema e o desenvolvimento de novas posturas do ambiente de sala de aula nas etapas de ensino entre o professor e os estudantes sobretudo na construção do exercício docente na formação inicial de maneira crítico-reflexiva estimulando o entendimento das conquistas e lacunas na hora de o professor concretizar suas atividades de ensino.

**Palavras-chave:** EJA. Ensino de Geografia. Estágio. Paisagem. Percepção.



## ABSTRACT

This research has as objective to *analyze the perceptions of students of Educação de Jovens e Adultos (EJA) course, about the conceptions of landscape and the systematization and production of pedagogical activities developed in class room in the Geography teaching.* The perceptions of students from Henriqueta de Oliveira school has as objective to analyze the importance given by students about landscape in geography teaching. The study starts from the perception of that the landscape conception is dynamic and therefore its is a procedure didactic pedagogical indispensable for citizen formation, because all landscape is symbolic and endowed with built meanings by society in different conjunctures and from this look the study values in integral form others geography principles and the understanding of the place where we live. The recognition of studied meanings in class room about landscape and teaching demanded a theoretical and empirical knowledge trajectory that grounded in the selections of authors who treats the thematic. The theoretical and methodological contribution grounded in a several thinkers and studies that mobilized reflections and the Geography Teaching. The research adopts a qualitative interpretation and a collaborative approach. To the data construction, we use as a methodological procedure the questionnaire, semi structured interview, observation and register, and documental analyses. The organizations of data analyses, grounded the Bardin. The theoretical and methodological ground of this research, that guided the analyses of five categories: Perception, Landscape, Geography Teaching, Curricular Internship, Youngs and Adults education. About the Perception, the research expressed, by the respondents, that the landscape study is indispensable to geography teaching, however, in its speech about landscape and its meanings, the rationalities emitted by the interviewees are subordinated to the learned models of learning in a traditional approach throughout their formation and it was evident the difficulties of students to make the space multiple relations and realize how the landscape dynamic can be studied and understood in a critical look. The research showed that landscape promotes ludic learning ruled in dialogue, autonomy of students and teachers propitiating the congress of the points of view and their different intentionality, to knows and the necessity to deepen in theme and the development of new posture in class room environment in stages of teaching between teacher and his students mostly in the construction of the teacher exercise in primary formation in a critical reflexive manner stimulating the understanding of achievements and gaps at the teachers time to materialize his teaching activities.

**Keywords:** EJA. Teaching Geography. Internship. Landscape. Perception.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casa Branca nos Estados Unidos.....	36
Figura 2: Capitólio, local de reunião do Congresso estadunidense.....	37
Figura 3: A cidade de Paris e a Torre Eiffel.....	38
Figura 4: A cidade de Paris, a Torre Eiffel e o rio Sena.....	38
Figura 5: O Rio de Janeiro e o Cristo Redentor, símbolo da paisagem brasileira.....	39
Figura 6: Estátua de Chico Science na Rua da Moeda-Recife, PE.....	40

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Identificação dos sujeitos da pesquisa: média de idade e profissão/ocupação.....	53
Quadro 2: Procedimentos metodológicos das atividades de ensino.....	54
Quadro 3: Nos anos finais do ensino fundamental, você estudou sobre as paisagens da Terra?.....	60
Quadro 4: Por que motivo o estudo da paisagem é interessante nas aulas de Geografia?.....	61
Quadro 5: Na sua opinião, a Geografia é uma disciplina interessante de estudar e aprender? Sim ou Não? Por quê?.....	62
Quadro 6: Ao se conectar na rede de internet você gosta de apreciar diferentes paisagens e compartilhar nas redes sociais? Sim ou Não? Por quê?.....	64
Quadro 7: Qual o tipo de paisagem que chama mais sua atenção?.....	66
Quadro 8: Percepções da paisagem pelos estudantes sobre a Fotografia 1.....	79
Quadro 9: Percepções da paisagem criada pelos estudantes sobre a Fotografia 2.....	80
Quadro 10: Percepções da paisagem por meio dos sentidos.....	80

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: O que é paisagem na sua percepção?.....	57
Gráfico 2: Nos anos finais do ensino fundamental, você estudou sobre as paisagens da Terra?.....	60
Gráfico 3: A importância do estudo de Geografia.....	63
Gráfico 4: O uso de redes sociais e compartilhamento de imagens.....	65

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Paisagem residual, mercado do Pilar .....	41
Fotografia 2: População ribeirinha da Bacia do Pina em Recife .....	42
Fotografia 3: Parte da paisagem representada pelo estudante E4, sítio em Gravatá, PE .....	67
Fotografia 4: Parte da paisagem representada pelo estudante E5, Rua Garanhuns, Santo-Aleixo, Jaboatão dos Guararapes .....	68
Fotografia 5: Parte da paisagem representada pelo estudante E6, Colônia dos Padres, Santo-Aleixo .....	68
Fotografia 6: Parte da paisagem representada pelo estudante E7, Santo Aleixo.....	69
Fotografia 7: Parte da paisagem representada pelo estudante E8 em Recife, PE.....	69
Fotografia 8: Parte da paisagem representada pelo estudante E9, Pina-Recife.	70
Fotografia 9: Parte da paisagem representada pelo estudante E10, Rua Colômbia, Santo Aleixo, Jaboatão dos Guararapes.....	71
Fotografia 10: Parte da paisagem representada pelo estudante E11, Santo-Aleixo.....	72
Fotografia 11: Parte da paisagem da área rural do Engenho Manassu em Santo Aleixo, Jaboatão dos Guararapes, estudante E13.....	72
Fotografia 12: Área rural do Engenho Manassu em Santo Aleixo, estudante E13.....	72
Fotografia 13: Parte da paisagem representada pelo estudante E15, Santo-Aleixo.....	73
Fotografia 14: Parte da paisagem representada pelo estudante E19, Engenho Manassu, Santo-Aleixo.....	73
Fotografia 15: Praça do Rosário, Jaboatão dos Guararapes, PE .....	76
Fotografia 16: Estação do Metrô Jaboatão, Jaboatão dos Guararapes, PE.....	77
Fotografia 17: Escola Municipal José Carneiro, Santo-Aleixo, Jaboatão dos Guararapes .....	78

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1	A problemática anunciada e os objetivos da investigação.....	17
1.2	Metodologia.....	18
1.3	Cenário da pesquisa.....	22
<b>2</b>	<b>MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA: UMA ALUSÃO PARA O CONHECIMENTO E O EXERCÍCIO DO ENSINO.....</b>	<b>23</b>
2.1	O Ensino de Geografia e a importância dos conceitos para uma percepção espacial.....	23
2.2	A edificação do conceito de paisagem e o movimento cultural da Renascença .....	28
2.2.1	Trajetória dos pensadores e influência do evolucionismo na ciência: construção do conceito de paisagem no olhar da geografia.....	28
2.2.2	O conceito de paisagem como cenário da geografia e o cultural como símbolo da ação antrópica.....	32
<b>3</b>	<b>PAISAGEM E SIMBOLISMO.....</b>	<b>34</b>
3.1	Paisagens da cultura dominante.....	35
3.2	Paisagens alternativas.....	39
3.2.1	Paisagens emergentes.....	40
3.2.2	Paisagens excluídas.....	41
<b>4</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....</b>	<b>44</b>
4.1	O estágio curricular como possibilidade de reflexão do exercício docente.....	44
<b>5</b>	<b>A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES E OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO CONCEITO DE PAISAGEM.....</b>	<b>51</b>
5.1	O pensamento acerca de paisagem: objetivo e metodologia.....	52
5.2	A percepção e a geografia no estudo da paisagem.....	55
5.3	A percepção dos estudantes e os significados da paisagem.....	56
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>88</b>

Apêndice A – Estrutura etária e profissão dos estudantes da EJA.....	92
Apêndice B – Roteiro de entrevista com estudantes.....	94
Apêndice C – Carta-convite .....	96
Apêndice D – Termo de livre consentimento.....	97
Apêndice E – Roteiro de entrevista com o professor da EJA.....	98

## 1 INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) configura-se na percepção dos estudantes do Curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) a respeito do conceito de paisagem no ensino de Geografia sobre os símbolos e significados da referida categoria para os estudantes envolvidos. A pesquisa é resultado da contribuição do estágio curricular no ensino de Geografia. A literatura que trata do teor teórico-metodológico cientificou que, nas últimas décadas, a complexidade do ensino promovida pelas relações da sociedade globalizada promoveu um embate de forma significativa no ensino e na formação de professores em desenvolver e revigorar suas atividades docentes.

O enredamento das relações da sociedade atual, as transformações no modo de vida liderado pelas novas tecnologias e também a democratização do espaço geográfico impactou de maneira significativa o Ensino e, assim, promoveram mudanças na Política Educacional Brasileira, consequentemente na Legislação, portanto, fomentando contingências nos “perfis dos cursos superiores com ênfase para os cursos de Licenciatura” (BRAGA, 2016, P. 15).

A Lei n.º 9.394/96 (BRASIL, 1996) que estabelece diretrizes e bases da educação nacional somada as Diretrizes Curriculares de Ensino, de 3 de abril de 2001 (BRASIL, 2001) que destaca situações levaram em consideração a edificação de competências e habilidades que encadeassem na aprendizagem os elementos experimentais e conceituais, correlacionados com o conhecimento científico dos processos espaciais e operacionais (Resolução CNE/CEB n.º 3/2010 – BRASIL, 2010), aprovadas, respectivamente, em 2000 e em 2010 pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Segundo a LDBEN, artigos 37 e 38, os artigos citados possibilitam as escolas oportunidade de inclusão e tratam:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. [...].

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. [...]

§ 3º. A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. (BRASIL, 2018).



Conforme os artigos 37 e 38, a lei promove um exercício docente integrado ao crescimento do ser humano, portanto, fomentar nos estudantes a percepção de que a potencialidade sociocultural edifica-se em conjunto com as inferências escolares integradas com suas pretensões e vivências passou a ser uma nova realidade.

A participação social ativa dos estudantes, integrá-los com o que lhes é apresentado, seja no campo econômico, seja no sociocultural, com o direito de discursar sobre o que pensa, valorizando seus saberes de maneira crítica, articulada, marcando percepções individuais e coletivas, representa seu pleno desenvolvimento no processo de aprendizagem, ou seja, os estudantes passam a ser protagonistas das etapas de aprendizagem.

Pensar em uma identidade para aulas de Geografia no ensino médio no EJA valorizando no ensino de Geografia o estudo da paisagem com seus símbolos e significados é permitir reflexões para imaginar (e construir) uma sala de aula que crie a categoria prazer em aprender geografia. Por conseguinte, os conteúdos selecionados em sala de aula tornem-se um currículo em caráter interdisciplinar, e seja contemplado em forma de Projeto na escola, que atenda às necessidades de acordo com as particularidades dos sujeitos envolvidos.

Nesse sentido, a LDBEN foi um relevante marco legal no que se refere ao início de uma percepção de ensino diferenciada para os estudantes tão distintos (JULIÃO; BEIRAL; FERRARI, 2017) e com histórias de vida tão desrespeitadas. Portanto, com esse ato legislativo, escolhe-se uma concepção pedagógica para jovens e adultos, que reserva pressupostos ao pleno desenvolvimento dos estudantes.

Ao longo do tempo, quando se discutia a educação para jovens e adultos, a percepção dos grupos envolvidos na Política Educacional da Educação (EJA) era de estar se referindo a composição de grupos socialmente homogêneos. Não se levava em consideração as suas individualidades, “especificidades, tão pouco a sua diversidade: faixa etária; sexo; raça; credo religioso; ocupação profissional; opção sexual; situação social (privados ou não de liberdade, etc.” (JULIÃO; BEIRAL; FERRARI, 2017, p. 48). Com as mudanças no ensino nas últimas décadas, principalmente pelas fortes discussões a respeito da educação como um direito humano pelo qual se constrói a Educação em seu papel na sociedade atual, surge inevitavelmente a compreensão dessas especificidades. Sendo assim, as propostas

políticas de ensino trazem como primordial o entendimento sobre os sujeitos estudantes da EJA.

Na caminhada desse entendimento, os estudantes da EJA constituem-se como um grupo muito heterogêneo, com muitos atributos, personalidades e entrecruzamentos. Atualmente, necessitamos entender melhor essa modalidade de ensino mediante a pluralidade do público-alvo, levando em conta suas realidades e saberes. Nesse caso específico, para a Geografia, que tem como objeto de estudo as relações da sociedade com o espaço geográfico.

Em outras palavras, expõe-se a percepção dos estudantes sobre o conceito de paisagem como atividade integradora fundamentada entre as teorias e o empírico na formação cidadã dos estudantes. É relevante refletir sobre o método que estabelece as relações por meio da intermediação, do encadeamento dos fenômenos, em uma intimidade do sujeito humano e os objetos e seus interesses no qual a contextualização faz-se necessária.

O foco desta pesquisa compreende as percepções dos estudantes do curso do EJA na Escola Henriqueta de Oliveira sobre o conceito de paisagem. Assim, estudar o conceito de paisagem e valorizar o que pensam e sabem esses estudantes da EJA é um relevante instrumento didático-pedagógico e acadêmico para o ensino de Geografia. É por meio dos significados atribuídos pelos estudantes sobre a paisagem que se mobilizam os saberes docentes, a bagagem que os estudantes edificaram ao longo de sua vida; e é exatamente nesse momento que os sujeitos professores e sujeitos estudantes constroem e concretizam suas práticas pedagógicas fazendo rupturas e emergindo novas subjetividades. Sobretudo, o crescimento de uma percepção espacial estimatória sobre as paisagens com olhares críticos, fomentando nos estudantes novas maneiras de olhar o ensino e entender que sua percepção é produção do conhecimento e torna a Geografia uma disciplina ativa e interessante.

A história desta pesquisa e a aproximação com a temática desenvolvida surgiu por meio do estágio curricular na escola campo, e na academia por meio de leituras, discussões, aulas, atividades de pesquisa e a oportunidade de realizar pesquisa no estágio. Assim, realizamos um levantamento bibliográfico e documental acerca da literatura da temática em foco, ou seja, no ensino de Geografia e no campo da Pedagogia, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE/Recife) no período 2017-2018.

“Refletir sobre a Didática, as práticas do ensino e as intervenções educacionais é reflexionar sobre as práticas humanas, acerca da vida do mundo na perspectiva do desafio de uma práxis libertadora na contramão de uma prática castradora.” (THERRIEN, 2006, p. 297).

Acatando as discussões e reflexões referentes à percepção dos estudantes sobre o conceito de paisagem e consoante a Tardif (2002), que os leva a refletir que os saberes profissionais são fugazes, no sentido pertencimento de habilidades e no estabelecimento das rotinas de trabalho e aprendizagem.

Estudar a paisagem por meio da percepção dos estudantes é promover um momento ímpar de ensino-aprendizagem pois impulsiona as trocas de saberes, além de promover o caminho de edificação das relações de afetividade entre estudantes e professores, e o mais importante, a construção e o fortalecimento da identidade profissional. Nesse aspecto da formação, o licenciando, ao concluir o curso, deixa de ser o futuro docente e passa a ser o docente. No bojo desses efervescentes sentimentos e também das ações pedagógicas, existem muitas possibilidades de mudanças, entre elas, a de ser capaz de construir pensamentos sobre o papel do professor de Geografia na sociedade vigente.

### **1.1 A problemática anunciada e os objetivos da investigação**

Pelo evidenciado, tem-se como indagação norteadora da investigação: Qual a percepção dos estudantes do Curso de Educação de Jovens e Adultos da Escola Henriqueta de Oliveira sobre o conceito de paisagem e seus significados? Com isso, surgiram outros pontos importantes para compreensão do problema da investigação: a questão de promover a produção de saberes dos estudantes como percebem a paisagem e as intencionalidades mobilizadas quando justificaram os motivos de escolherem uma determinada paisagem para apresentar em sala de aula no estudo em foco, além das habilidades de ensino no contexto da sala de aula no decorrer do processo de aprendizagem da Geografia na educação básica no curso da EJA.

A habilidade nessa circunstância foi marcada como “conhecimento integrado” na interpretação da ação, ou seja, da competência e do exercício de refletir a maneira de ensinar e com o propósito de saber o que pensam e sabem os estudantes a respeito de determinado conteúdo geográfico, aliados as intervenções

didáticas e reflexões sobre a construção da identidade docente no campo de estágio.

Com base nessas preocupações, construímos os objetivos da pesquisa. Essas questões orientadas e observadas em torno de como lidam os estudantes com essas inovações pedagógicas no ensino da paisagem são indispensáveis à composição de uma proposição educativa de aprendizagem que possibilite a contribuição de novidades no currículo de Geografia na escola. Exibiremos os objetivos da pesquisa a seguir.

**Objetivo geral** – Compreender as percepções dos estudantes do curso da Educação de Jovens e Adultos sobre o conceito de paisagem e a sistematização e produção das atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula no ensino de Geografia.

**Objetivos específicos:**

- a) registrar e observar as atividades do ensino em sala de aula;
- b) desenvolver oficinas de ensino sobre paisagens;
- c) compreender a importância dada pelos estudantes sobre o estudo da paisagem no ensino de Geografia.

## **1.2 Metodologia**

Ensinar é um trabalho laborioso tendo em vista que requer conhecimento, manifestar-se acerca da disciplina ou das atividades, a respeito da forma como os estudantes apreendem, sobre a destreza como serão orientados os recursos de educação uma vez que se ajustem melhor às condições em que será realizado o exercício docente (ZABALZA, 2004).

A abordagem qualitativa admite existir uma relação entre a existência e o sujeito que não pode ser traduzida apenas em dados estatísticos. A análise dos acontecimentos e a atenção dos significados são fundamentais no contexto da pesquisa qualitativa. O lugar é a fonte direta de coleta de dados e o observador é o instrumento-chave. Esse tipo de investigação caracteriza-se pela metodologia colaborativa com distintas etapas, em que o pesquisador torna-se sujeito da investigação. A investigação colaborativa define-se como pesquisa-ação.

Ao enfatizarmos, neste TCC, a concepção de pesquisa-ação na área do Ensino, no ensino de Geografia, precisamente nas práticas pedagógicas em oficinas pedagógicas sobre a paisagem, aproximamo-nos de Ibiapina (2008), que concebe

como uma modalidade de investigação. Essa prática faz com que os estudantes agucem sua percepção geográfica espacial e se percebam como estudantes detentores e produtores de saberes, de suas práticas em sala de aula e como pessoas capazes de pensar e intervir em suas ações de aprendizagem.

Os estudantes inseridos no contexto de pesquisadores-colaboradores em espaços organizados e planejados em sala de aula ou em campo para estudo da paisagem são motivados, por meio de diálogo com outros estudantes e professor, a expressar suas vivências, saberes, fazendo sobre eles trabalhos intensos de interpretação, análise, construção, reconstrução, que levam os estudantes e o professor a se perceberem como maestros de suas atitudes de sujeitos ativos.

O levantamento bibliográfico é a convivência do investigador com o estado do saber na área que o torna apto a desenvolver habilidades e de problematizar a temática e, assim, corroborar na explicação de categorias a serem trabalhadas no objeto de estudo. O levantamento bibliográfico foi seletivo para discernir, localizar e definir o objeto de investigação. Consultamos livros, artigos, dissertações, documentos.

Quanto ao levantamento documental, compõem-se na busca de informações documentais, fotografias, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares Nacionais. Para realizarmos esta pesquisa, portanto, trabalhamos essencialmente com os seguintes dados: inicialmente, realizamos uma análise documental com base nas mudanças na legislação direcionada ao contexto educacional brasileiro, LDBEN, os Parâmetros Curriculares de Ensino. Quanto à técnica para a coleta de dados, utilizamos o questionário, entrevistas semiestruturadas, fotografias e quadros, que ajudarão na sistematização das informações e na elaboração da análise deste trabalho.

Nesse tipo de abordagem é importante que o pesquisador se encontre na sala de aula, observe e aplique questionários, compare-os com as entrevistas, emita julgamentos de valor e realize interpretação de todo o material colhido. Quanto ao método de análise dos dados, fundamentamo-nos em Bardin (2011). Nesse ponto de vista, escolhemos como cenário para explanação de nossas inquietações, referentes à temática, a Escola Henriqueta de Oliveira.

Nosso propósito acadêmico foi, portanto, analisar as percepções e os saberes dos estudantes que corroboram o ensino de Geografia nas práticas de ensino,

refletindo as experiências desenvolvidas com os estudantes do curso de Educação de Jovens e Adultos no período de 2018.

Os estudantes de EJA são sujeitos da vida social. Ao analisar as ações dos sujeitos, ou sociedades e suas consequências, os estudantes devem pensar a paisagem como produto de diferentes contextos históricos distintos resultado dos movimentos sociais e culturais que lhe deram a gênese, das ações humanas por meio de diferentes técnicas.

A importância de estudar a paisagem a partir da percepção do estudante da EJA é de inseri-lo como sujeito ativo no processo da construção de um saber geográfico mais elaborado, científico, reconhecendo o seu saber e as suas percepções sobre o seu espaço vivido, a paisagem, e a partir desse entendimento do que este sujeito percebe e vive, a subjetividade que é esse saber anterior prévio sobre o espaço vivido vem da sua experiência de vida, especialmente, porque essa modalidade de ensino trabalha com o estudante trabalhador jovem e adulto que já estabelece diferentes relações no seu cotidiano e no seu lugar social.

Todas as paisagens têm significados simbólicos porque são resultado do empoderamento e modificação do meio ambiente por parte da sociedade. É relevante que os estudantes entendam que, nos diferentes conceitos de paisagem, cada uma apresenta sua importância metodológica e os significados e símbolos foram sendo construídos ao longo dos contextos históricos. Estudar a paisagem fomenta lembranças de que a geografia está por toda parte, que é uma “fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegrias e sofrimentos, tanto quanto é de ganho e perda” (COSGROVE, 1998, p. 98).

Para perceber as exteriorizações impressas por uma determinada cultura em sua paisagem, carecemos de um saber da linguagem empregada de símbolos e seus significados. “Todas as paisagens são simbólicas.” (COSGROVE, 1998, p. 106).

Sendo assim, Cosgrove (1998) chama a atenção para que, quando saímos na condição de consumidores entre nossos familiares, logo encontramos pessoas de variados estilos em ambiente de shoppings, ambientes fechados com luz artificial, com prédios garagem com uma rede de lojas e consumidores. Esse tipo de paisagem pode ser observado em escala nacional e global.

Os professores de Geografia devem estimular os estudantes a pensar por que determinados lugares apresentam espaços imobiliários tão caros e outros lugares

como uma poupança para o futuro ou, até mesmo, “áreas geográficas esquecidas” por esse setor; assim também as especialidades do comércio, se varejo ou atacado. O profissional da Geografia (professor) tem uma leitura diferenciada da paisagem e, por isso, deve problematizar suas aulas para que os estudantes percebam esse cotidiano da paisagem de maneira dinâmica.

Quando circulamos na paisagem, encontramos no lugar grupos de pessoas com faixas etárias distintas: idosos jogando dominó nas praças, adolescentes em canto das paisagens arborizadas com cabelos moicanos, coloridos, muitas vezes indiferentes aos grupos de idosos, os melhores lugares da paisagem selecionados para centros comerciais de consumo da classe social abastada ou residências de população abastada, o que inibe trechos das paisagens para a maioria das pessoas propiciando mais qualidade da paisagem para uns e a exclusão de determinadas paisagens para habitantes de baixa renda, vivendo em comunidades ou palafitas, escondidas na maioria das vezes pelos *outdoors* nas áreas nobres das cidades.

Com essa reflexão, podemos justificar a importância de estudar a paisagem por meio dos significados e símbolos, porque a paisagem é uma marca, e os estudos geográficos com o método da observação favorece a integração dos princípios estruturantes da ciência: lugar, espaço, território. Sendo assim, os estudantes, mediante o estudo da paisagem, deverão compreender que a Geografia é uma ciência que faz parte de nosso cotidiano e o conceito de paisagem ser tratado de forma dinâmica para que os sujeitos estudantes possam perceber a complexidade da sociedade por meio de seus significados.

Pensando sobre as questões dos significados da paisagem em uma escala global e impacto local, os estudantes de EJA, sujeitos da vida social, tenham possibilidades de compreender como todas essas questões complexas se consolidam; pelo entendimento, eles poderão agir de maneira crítica nas experiências de vida e no campo de suas relações com a natureza. Nesse sentido, o ensino de Geografia deve motivar o estudante de EJA a representar a pluralidade cultural e social, e as dinâmicas e as formas de relação com a natureza.

Com essa contextualização, discussão e reflexão que proporcione ao jovem e adulto melhores oportunidades de estudo, e também envolver-se com um ensino que priorize a consciência crítica das formas de sistematização de sua sociedade no sentido de entender as transformações da realidade do lugar em diferentes escalas.

Consideramos que as etapas de construção do conhecimento geográfico no chão da sala de aula podem ser mais aproximadas do espaço vivido dos estudantes se estudarmos e inserirmos os saberes no qual os estudantes compõem as suas vivências.

### **1.3 Cenário da pesquisa**

Para este TCC, conforme aludido, escolhemos como cenário a Escola Henriqueta de Oliveira, situada na Estrada da Luz, bairro Santo Aleixo, localização urbana, dependência administrativa estadual. A preferência por esse local foi ter sido o campo de estágio, que instituiu o diálogo e parceria entre a escola e o IFPE/*Campus Recife*.

Conhecidos os argumentos quanto à localização, modalidades de ensino e construção do exercício docente, apresentaremos os sujeitos da pesquisa, aqueles selecionados para contribuição a esta pesquisa. Os sujeitos estudantes e os sujeitos professores corroboraram a pesquisa na construção das atividades de ensino, exercícios sobre paisagens, oficinas e aulas expositivas, observações.

Percebemos nessas circunstâncias que o estudo da paisagem em sala de aula influenciou positivamente na formação da percepção coletiva, das experiências e dos saberes dos estudantes e professores envolvidos nesse cenário. A predileção por desenvolver esta pesquisa com o campo de estágio justifica-se pelo fato de a pesquisa apresentar natureza colaborativa realizada nesse campo de conhecimento.

Verificamos que esse tipo de formação no Estágio Curricular atribuiu-se de um perfil diferenciado, a pesquisa no Estágio, o que propiciou nossa atenção sobre o esquadrinhamento da temática. Com base no que foi dito, seguiremos esclarecendo as etapas desta produção com o que está sendo tratado nas seções a seguir com o Marco Teórico-Metodológico da Pesquisa e o Exercício do Ensino.



## **2 MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA: UMA ALUSÃO PARA O CONHECIMENTO E O EXERCÍCIO DO ENSINO**

O texto a seguir norteia a discussão sobre o ensino e seus pilares: o estudante, o professor e a disciplina. No decorrer das reflexões, foram abordados a relevância da Educação Geográfica e o papel do professor como mediador do conhecimento. Outro ponto discutido são as abordagens dos conceitos da Geografia: espaço geográfico, lugar, território, paisagem. Além dos conceitos estruturantes da ciência em foco, destacamos o conceito de cidade apesar de que não seja básico do pensamento geográfico, mas corrobora de maneira significativa na formação cidadã no momento em que se encontra a sociedade hoje, igualmente na trajetória da constituição de uma percepção espacial dos estudantes com a intencionalidade da Geografia promover intimidade com estudantes no seu cotidiano de vida.

### **2.1 O Ensino de Geografia e a importância dos conceitos para uma percepção espacial**

Estamos hoje cercados por uma vultuosidade de conhecimentos, informações espalhadas, que se apresenta, sobretudo, pelo conjunto de meios de comunicação, veiculação de mensagens, campanhas publicitárias que adentram o cotidiano das pessoas, modifica o modo de vida, instiga nossa percepção de espaço e tempo, conceitos, impulsiona uma nova leitura de mundo. Eles mexem com a relação dos sujeitos e o real. Esse envolvimento afeta os ensinamentos, comportamentos, valores e aquisição de entendimento (CASTELLAR; VILHENA, 2010). Conforme o que foi exposto, é interessante questionar sobre o ensino: O que é o ensino? Quais seus princípios?

O ensino é um método que abrange três fundamentos: o estudante, o docente e a disciplina.

O aluno é o sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua bagagem intelectual, afetiva e social [...] o professor, também é sujeito ativo e tem o papel de mediar as relações [...] os objetos de conhecimento: a geografia escolar é [...] uma das mediações para as relações do aluno com a realidade. (CAVALCANTI, 2012, p. 48).

A inserção da Geografia como uma disciplina escolar nessa situação tem a considerar e corroborar as capacidades e habilidades dos estudantes. Em ambiente de sala de aula, quando o estudante tem voz para expor suas ideias e desenvolver distintas leituras que estejam inseridos no cotidiano de vida, os resultados de postura e participação no momento da aula são completamente diferentes de uma aprendizagem por memorização.

É relevante considerar que o ensino de Geografia desconectado da realidade não traz mais resultados satisfatórios no cenário atual. Por isso, devemos inovar didaticamente com ações pedagógicas que promovam mudanças significativas na aprendizagem.

“A educação geográfica contribui para que os alunos reconheçam a ação social, cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos.” (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 9). A geografia escolar lida com as luzes sobre o espaço que corrobora a formação do jovem cidadão, pois permite a construção dos conceitos. Lana Cavalcanti destaca:

Os conceitos não são ensinados, eles não se formam nos alunos pela transferência dos conteúdos e por sua reprodução, como está suposto em propostas mais tradicionais de ensino. Trata-se por processos de construção de instrumentos simbólicos que ajudam na relação do sujeito com o mundo, operando mediações entre as representações cotidianas desse sujeito e a realidade objetiva. (CAVALCANTI, 2012, p. 48).

A teoria vygotskyana (1993) reflete o pensamento de que o processo de aprendizagem está diretamente ligado às interações do homem, da sociedade, cultura e sua história. Lana Cavalcanti (2012) menciona que a teoria de Vygotsky fortalece uma teoria sobre o método de formação dos conceitos. De acordo com a autora, os conceitos acadêmicos e os conceitos cotidianos estão inerentes e se influenciam reciprocamente.

A evolução de uma maneira de pensar geograficamente em um horizonte mais amplo e imaterial propõe, portanto, a edificação de conceitos pelos estudantes. O ofício de transformar o assunto implica a averiguação das interpretações e dos significados atribuídos por eles aos distintos temas discutidos e refletidos em sala de

aula, considerando sua bagagem e experiência de vida. A partir de uma reflexão sobre essa situação, Lana Cavalcanti atribui:

Alguns conceitos são mais gerais e elementares ao raciocínio geográfico, e no meu entendimento são estruturadores do espaço geográfico, tornando-se importantes categorias de análise: natureza, lugar, paisagem, região, território, ambiente. Outros conceitos são também relevantes para compor um modo de pensar espacial e para analisar espaços específicos; entre eles estão a cidade, campo, identidade cultural, degradação ambiental, segregação espacial e uma infinidade de outros que compõem a linguagem geográfica. (CAVALCANTI, 2012, p. 49).

Sobre as impactantes transformações que ocorreram no espaço geográfico em escala planetária, é um dos grandes desafios de um professor de Geografia, em especial o professor da educação básica; portanto, é como ensinar e de que maneira um determinado conteúdo pode e deve ser mediado. Assim, podemos atentar para os marcos curriculares nos debates teórico-metodológicos, o que favorece apreciar e reorganizar a prática pedagógica.

Para justificar um pouco nossa discussão metodológica, é frutífero desenhar, a seguir, alguns princípios estruturantes da Geografia tornando-se relevantes categorias de estudo: espaço, lugar, paisagem, território e região. Outros conceitos são também fundamentais para constituição de uma percepção espacial e para interpretar espaços específicos; entre eles, estão a cidade, campo, identidade cultural, envelhecimento ambiental, segregação espacial e o conjunto de outros conceitos que compõem a linguagem geográfica (CAVALCANTI, 2012).

O entendimento do espaço geográfico, como repercussão da reunião do sistema de objetos e sistemas de ações enseja trilhar do antigo ao futuro por meio do presente (SANTOS, 2002). A geografia é imprescindível para o entendimento da vida, pois cria pontes e explica as transformações atuais do espaço tão heterogêneo.

A ideia de lugar correlacionada com o lugar que tem sido trabalhado nas práticas de ensino e é capaz dessa performance, desse pensamento é a de uma localização geográfica, ou seja, um ponto no espaço. Quando se fala em um lugar, imediatamente vem à mente das pessoas a direção, o uso do GPS, o uso da bússola, os pontos cardeais, colaterais, de latitude, longitude e outros. Contudo, a fundamentação desse item de concepção, que se refere em qual lugar está o

objeto/fato estudado, remete a outros aspectos que se relacionam com informações mais subjetivas dos lugares, mais particulares e mais próprias como os laços de afetividade do cotidiano de vida e familiaridade.

O lugar é, portanto, o habitual da vida cotidiana, mas, por outro lado, é por onde se concretizam as relações e processos globais. O lugar produz-se da relação mundial com o local, e que ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e de realização de resistências à globalização. (CAVALCANTI, 2012, p. 50).

É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar. (SANTOS, 2000, p. 92).

Evidenciadas as discussões a respeito dos conceitos de espaço e lugar, podemos afirmar que é no lugar que os homens se aniquilam, solidarizam-se, apresentam afetividade, intolerância, as identidades culturais sobressaem. Por isso, o professor de Geografia que trabalha com a formação de jovens na educação básica deve buscar formação contínua, domínio do conhecimento específico para que seja capaz de lidar com esses desafios e assim mediar os conceitos de maneira contextualizada para que os estudantes possam compreender a dinâmica econômica em distintas escalas e como tais dinâmicas vão interferir em sua vida.

O território é apontado como conceito de poder que é praticado sobre um espaço, não obrigatoriamente pela jurisdição e o administrativo, bem como o poder encantado na acepção de apossar-se das relações de afinidade constituídas verdadeiramente em associação a uma edificação de uma identidade.

É imprescindível na concretização do exercício docente contemplar esse conceito no ensino de Geografia escolar, alicerçado em instrumentos teóricos para análise a respeito dos distintos territórios onde os estudantes estão inseridos e edificam seu cotidiano, seja individualmente, seja coletivamente para atuar democraticamente participando da construção de territórios da sociedade de que fazem parte, e para que entendam os enfrentamentos em distintas escalas. O conceito de cidade apesar de que não seja básico do pensamento geográfico como outros expostos anteriormente.

Tal conceito tem promovido um relevante entendimento na educação geográfica sobre a espacialidade atual e por lidar de maneira concreta com os conceitos estruturantes da geografia como as paisagens, lugar, território.

O ensino é uma atividade complexa e o estudo da cidade na Geografia escolar tem-se tornado um desafio para o trabalho do professor em razão do nível de enredamento. O entendimento da temática cidade pelos estudantes demanda discussão em caráter interdisciplinar, requer a produção de um amplo sistema de conceitos, sobretudo uma gama de informações e o incremento de uma variedade de competências e *know-how*.

A cidade pode ser estudada de várias maneiras, entre elas, como paisagem. Nesse contexto, sobressaem alguns princípios dispostos da paisagem urbana: habitantes, edifícios, rios, palafitas, ruas, casas, repartições públicas, turistas, habitantes de rua, igrejas, lixo, odores, pelo movimento dos homens no espaço e tempo. Essa é sua forma, o conjunto de coisas que os espaços e a vida citadina se instituem.

Para que o ensino de Geografia promova o interesse para a formação, pelo estudante, do conceito de cidade como um objeto para investigação geográfica do mundo, não se deve propor e planejar o conteúdo escolar por intermédio de um agrupamento de princípios com descrição pronta, por exemplo: o que é cidade, o que é processo de urbanização, o que é conurbação, o que é metrópole, o que é rede urbana. O ensino puramente tradicional na trajetória da memorização não responde às complexidades conduzidas pelo mundo globalizado.

Hoje, o professor deve ser um mediador dos distintos saberes e em suas práticas pedagógicas deve priorizar a educação geográfica que privilegia o conhecimento que os estudantes têm de seus espaços vividos na cidade. Concordante com Lana Cavalcanti:

O trabalho do professor consiste, pois, em tornar possível a aprendizagem do aluno. Isso significa que o sujeito central do ensino é o aluno com seu processo cognitivo, e o papel do professor é o da mediação. O ensino é o processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor. O professor, nessa mediação, encaminha esse processo com base nas suas concepções teóricas metodológicas. (CAVALCANTI, 2012, p. 59).

A deliberação sobre a caminhada metodológica implica a reflexão da prática com suas conquistas e lacunas do professor no exercício de suas atividades pedagógicas e em questões epistemológicas, compreendida como a definição do que é o saber, do que é o conhecimento acadêmico e do como conhecer e

desenvolver esses saberes para integrar teoria e prática e forme pessoas não apenas preparadas para o mundo do trabalho, mas, sobretudo, para formar pessoas mais humanizadas, que façam suas rupturas e construa subjetividades. Seguiremos com a discussão sobre o conceito de paisagem quanto à sua polissemia e o processo de sistematização da Geografia.

## **2.2 A edificação do conceito de paisagem e o movimento cultural da Renascença**

A seção trata sobre o conceito de paisagem e as abordagens que promoveram nos diferentes contextos históricos um encadeamento de discussões e reflexões da categoria em tela, como também uma variedade de temáticas e significados o que corroborou para uma complexidade do conceito e as diferentes correntes da geografia.

No segundo momento, foi feito um recorte histórico dos séculos XIX e XX, com foco nas trajetórias dos pensadores e a influência do evolucionismo na sistematização da Geografia como ciência. O conceito de paisagem e sua abordagem na Geografia é referenciado como encadeamento de discussões envolvendo um volume de temas e significados, e as distintas correntes da Geografia que impactou na formação dos professores de Geografia e consequentemente em sala de aula.

### **2.2.1 Trajetória dos pensadores e influência do evolucionismo na ciência: construção do conceito de paisagem no olhar da geografia**

O conceito de paisagem é polissêmico, mas em todo tempo teve muita importância para a Geografia, constituindo-se como conceito estruturante e uma ininterrupta (re)discussão. Holzer (1999), em sua considerável revisão de literatura, expõe quanto o conceito de paisagem está em voga, ganhando espaço na mídia em geral, sendo motivo de discussão entre os cidadãos. Tal circunstância propicia a necessidade de reconquista do estudo da paisagem por uma comunidade de geógrafos, e por outro lado corrobora para distintos olhares sobre o tema em foco no cotidiano. Conforme Besse:

O cuidado com a paisagem ocupa, na atualidade, um lugar crucial nas preocupações sociais e políticas pela qualidade dos quadros de vida oferecidos às populações, em relação aos questionamentos sobre identidade dos lugares, sobre governança dos territórios ou, ainda, sobre a proteção dos meios naturais. (BESSE, 2014, p. 7).

O conceito de paisagem e sua abordagem na geografia concentra ao longo dos séculos um encadeamento de discussões envolvendo uma gigantesca variedade de temas e significados. Essa flexibilidade válida, na realidade, uma complexidade do conceito conforme foi ele tratado pelas distintas correntes da Geografia, moldadas cada qual em um definido contexto histórico.

Com isso, a categoria paisagem nesse meio tempo promoveu o processo de sistematização da Geografia como ciência, conhecimento esse que indica a superfície da Terra em seus aspectos naturais e antrópicos como campo de estudo. Sendo assim, o objetivo da geografia é produzir uma representação sintética da Terra (GOMES, 1996), na qual os elementos culturais e naturais constituíam um conjunto integrado, conectado e espacialmente distintos na superfície da Terra. Esses agrupamentos poderiam ser caracterizados como paisagens, regiões ou lugares onde cada qual apresenta sua identidade.

Etimologicamente, a palavra paisagem surgiu no cenário do século XVI e está atado a país, denotando o espírito de região, território, nação. O termo território, por sua vez, emerge no século XV e relaciona-se com o vocábulo terra (CUNHA, 1982). Baseando-se nos pensadores Christofoletti, Schama, Pregill e Volkman, Vitte (2007) descreve os vocábulos relacionados com o conceito de paisagem:

Em hebraico, o vocábulo *nolif* (paisagem) está relacionado com *yafe*, que significa algo maravilhoso, aparecendo pela primeira vez no livro de Salmos (48:2). Na língua inglesa, o termo *Landscape* (paisagem) é derivado de *Landscip* que surgiu no século XVI, dizendo respeito a organização dos campos, enquanto que *scenary* significa cenário, panorama. Em holandês escreve-se *landschap*, originado do vocábulo germânico *landschaft*, que significa uma unidade de ocupação humana, uma jurisdição. (VITTE, 2007, p. 72).

As referências acima ratificam que o conceito de paisagem encerra uma percepção espacial (*land*) podendo ser definida historicamente sob duas concepções:

- a) uma estética fenomenológica, na qual a paisagem é uma disposição dos objetos que são visíveis por intermédio dos próprios filtros;

- b) outra acepção pode ser aprazada geopoliticamente nomeando uma unidade territorial onde se constitui a vida de comunidades.

Na modernidade, o conceito de paisagem relaciona-se com o movimento cultural da Renascença, a partir da ideia de *paesagio* que se organizou com a arte, ou seja, com a pintura, associado com o conceito de extensão (JANSON, 1992). O referido conceito de extensão é qualificado no entendimento de perspectiva, dimensão. Dessa forma, o espaço alcança a categoria de entidade pictórica. Para Da Vinci, a paisagem era um hieróglifo e expressa uma ligação entre os elementos do mundo.

Com o desenvolvimento dos recursos técnicos, telescópio e do microscópio, tornou-se delicada a distinção do natural e artificial conduzindo ao incremento nas escalas e proporções. É nesse contexto que foi atribuído o significativo valor ao desenho na História Natural, na Geografia e na Cartografia.

A estética romântica, por meio do princípio da contemplação, buscou despontar com o dualismo sujeito-objeto, e o pensar da natureza seria capaz apenas pela percepção e análise. Para os defensores romancistas, a observação, também apontada de experimentação, tinha status místico.

No bojo dessas mudanças, pensamentos, status de perfeição, o conceito de paisagem adquiriu atributo de ser poder simbólico usado como componente de reafirmação nacional (SCHAMA, 1996) edificando-se também em uma forma de ser e representar a imagem da Terra.

No fim do século XIX e início do século XX, a influência do Evolucionismo de Darwin impactou a ciência (NAME, 2010). Nesse cenário a Geografia sofreu um impacto no estudo dos conceitos por parte de Vidal de La Blache, Demangeon, que se opuseram ao evolucionismo com prenúncio eurocêntrico e apoiaram as ideias neolamarckianas, determinadas pela ideia de que as espécies criam hábitos ramificando por descendência. Cientistas sociais como Weber, Durkheim também aderiram a essa corrente de pensamento e defendiam o paradigma do Funcionalismo Evolucionista (HOEFLE, 1998).

Os intelectuais como La Blache, Demangeon, Durkheim, Weber e outros se valiam de modelos evolutivos para justificar a estrutura da sociedade moderna europeia e a conexão entre as regiões do mundo, mas tinham toda cautela de não cair no determinismo de maneira explícita. É no contexto das noções de “adaptação ao meio”, presente na obra de Lamarck e de hábitos adquiridos pelo homem, que se



estruturam a categoria “consciência coletiva” de Dukheim e o “Gênero de vida” de La Blache (NAME, 2010, p. 166). É relevante mencionar que o termo cultura nesse contexto fica praticamente em desuso.

As ideias de vida definidas por La Blache instigaram várias gerações de geógrafos em diferentes escalas. O conceito emerge como um princípio dinâmico, ou seja, cada grupo tem sua maneira de ser. Essa maneira de ser dos grupos nada mais é do que o processo de adaptação com o meio a partir de uma bagagem cultural e instrumental propagada pelo costume.

Nessa circunstância, La Blache aprofunda seus conhecimentos para o estudo geográfico afastando-se dos preceitos universais e, assim, debruçando-se nos Princípios da Geografia Humana. Conforme Leo Name (2010), na obra publicada após o falecimento do pensador, pode-se inferir que cada gênero de vida tem um lugar específico na dimensão da Terra, e sua adaptação ao meio, na realidade, é um tipo de paisagem que, implicitamente, está presente nas noções que compreendem vários elementos em correlação, concomitantemente, de fisionomia e singularidade de cada local, embora o conceito de paisagem não seja a contribuição-chave de La Blache, mas sim o de região.

Deve-se refletir que nessa conceituação de gênero de vida o termo cultura não seja mencionado, sua essência se apresenta como princípio de “gênero de vida” (NAME, 2010, p. 167). O sujeito que se relaciona com a paisagem, nesse caso, evidentemente é o “sujeito coletivo”.

As atuais abordagens da Geografia no Brasil originaram-se da investigação das várias correntes de pensamento, desde aquelas inspiradas pela escola possibilista de Vidal de La Blache até as contemporâneas.

Alguns estudiosos buscam teórica e metodologicamente por correntes neopositivistas, outros, por ideias humanistas e psicológicas da Geografia da percepção e pela fenomenologia; outros, pelo materialismo histórico dialético.

O reconhecimento dos pressupostos dessas maneiras de pensar e fazer ciência possibilita elucidar a atuação no desenvolvimento da espacialidade nos docentes e estudantes fundamentando a pluralidade de perspectivas acerca da Geografia e de seu ensino.

### 2.2.2 O conceito de paisagem como cenário da geografia e o cultural como símbolo da ação antrópica

O século XX iniciou-se com muitas obscuridades para o mundo do conhecimento: teoria da relatividade, o nascimento da psicanálise a partir do pensamento de Freud e, na Geografia, o acolhimento das pesquisas com ênfase nas peculiaridades e relativismo; talvez as ideias possibilistas por parte de Vidal de La Blache se caracterizaram de modo genuíno, e refletir a partir de uma forte e corpulenta resistência ao positivismo na ciência e seus determinismos, simultaneamente, posicionavam em indagação a exatidão e a objetividade da ciência.

As correntes de pensamento racionalistas iniciaram, assim, a indagar vigorosamente a subjetividade, o intucionismo ou deixar-se caminhar mais por ideais nos estudos científicos. A afirmação acadêmica do geógrafo Carl Sauer (1998) teve uma forte influência determinista com ênfase na Geografia da natureza e Geografia humana e ecologia vegetal. O geógrafo fez um vertiginoso diálogo com intelectuais em outras áreas da Ciência, entre elas, com os antropólogos aprofundando seus saberes como temáticas sobre diversidades dos grupos humanos e, significativamente sobre as definições de cultura.

As incertezas vividas por Sauer e as influências de vários pensadores alemães favoreceram para que Sauer desenvolvesse propostas de trabalho científico para erradicar o problema da dualidade típico da Geografia. Assim, a geografia deveria estudar a área ou a paisagem como objeto único da Geografia. Conforme Name (2010, p. 169), “a paisagem é composta por uma área distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais”. Segundo Sauer:

[...] a paisagem não é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais [...]. O geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre unicamente o genérico e procede por comparação. (SAUER, 1998, p. 24).

Fundamentado nessas afirmações, Sauer divide as paisagens em naturais, aquelas intocadas, e as paisagens culturais com a presença do homem. O estudioso norte-americano entende que região e área são, nesse sentido, iguais a paisagem.

Esta, seria um princípio de singularidade da Geografia, ou uma integração de feições múltiplas, tanto do aspecto físico como culturais. Para o pensador, o recheio cultural da paisagem é o símbolo da existência humana em uma área. Em outros discursos, a cultura seria outro componente, que, agindo sobre o meio natural, resulta na paisagem cultural. Consoante Braga (2016), a contribuição do conhecimento geográfico:

Constitui-se um notável meio para assimilar as principais questões que afloram no planeta e no lugar em transfiguração. Nesse ínterim, é inadiável reexaminar os procedimentos didáticos que orientam o Ensino de Geografia, priorizando cada vez mais, na visão da racionalidade crítica, fundamentada na reflexão, no entendimento e na interpretação em relação aos problemas que se revelam no espaço geográfico contemporâneo em diferentes escalas. Nessa situação percebe-se que o local e o mundo caracterizam integralidade inerente. (BRAGA, 2016, p. 99).

### 3 PAISAGEM E SIMBOLISMO

O estudo de Denis Cosgrove ressalta indagações que, de maneira nenhuma, contemplariam parte da Geografia fundamentada em um olhar positivista clássico. Podemos destacar nos trabalhos de Cosgrove (1998) a relevância da seguinte expressão: “A geografia está em toda parte.” Tal expressão referencia a cultura e o simbolismo nas paisagens humanizadas. Temos neste ponto abordagens próprias de uma atualização das ciências que ganha força no século XX, década de 1970, prosseguindo os pensamentos positivistas anteriores.

Tal contexto incentivou a necessidade de estudar a paisagem nas lentes de Cosgrove, que argumenta em suas investigações que a Geografia está em toda parte e as paisagens são dotadas de significados e simbolismo. “A paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma forma de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual” (COSGROVE, 1998, p. 98-99).

O autor afirma que a paisagem está profundamente ligada à inovação de perceber o mundo como uma formação logicamente ordenada, marcada e harmoniosa, cuja disposição e os mecanismos são acessíveis à consciência, assim como ao contemplar, e agem como rumos para as pessoas em suas ações de modificar e aperfeiçoar o meio ambiente. Nessa acepção, paisagem é um conceito complexo e dentre suas especificações, Cosgrove expõe três:

- a) um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial;
- b) coerência, unidade e concepção racional de meio ambiente;
- c) a ideia de intervenção humana e controle de forças que modelam e renovam o mundo.

Tal ação deve ser mencionada, não é altruísta, reconhecida ou destruidora, mas um encadeamento que harmoniza a vida humana com a organização ou o modelo inerente da própria natureza.

Analizando o posicionamento do autor sobre a complexidade do estudo da paisagem e essa relação homem-natureza, pode-se perceber que essa discussão propicia o ponto crucial, como se pode ver, a representação da paisagem, seja na arte (pintura, poesia, teatro, música); são abordados os laços de afetividade e emoções nas formas naturais. “Assim, paisagem é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana” (COSGROVE, 1998, p. 100).

Cosgrove, conceitua a paisagem como um compêndio pictórico externo, que caracteriza estaticamente as relações de existência humana e natureza, compondo-se um veemente meio pelo qual o envolvimento, ideias e valores são inapeláveis (COSGROVE; DOMOSH, 1993).

A paisagem relaciona-se estreitamente com uma maneira de ver o mundo como uma constituição racionalmente sistematizada, eleita, harmoniosa, estética, cuja sistematização e instrumento são acessíveis à mente humana. Desse modo, “qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estranho” (COSGROVE, 1998, p. 102).

As paisagens classificam-se em paisagens da cultura dominante, paisagens alternativas, emergentes, excluídas e paisagens residuais.

### **3.1 Paisagens da cultura dominante**

São aquelas constituídas por atores hegemônicos com poder sobre outros grupos. Cosgrove, quando classifica a paisagem de poder, não limita apenas ao grupo do governo em particular, mas justamente ao grupo de classes sociais das quais ocorrem relações de dominação sobre os demais grupos, portanto, embasado objetivamente no controle dos meios de vida.

Observamos nas figuras a seguir evidências de expressão claramente da cultura dominante no centro geográfico do poder. É interessante ressaltar que historicamente duradoura tem sido a utilização de formas racionais, geométricas, no projeto das cidades com variedade de formas, sejam elas a construção de vias em círculo, quadrado, tabuleiro de xadrez, curvas. Quando comparamos tais formas com a morfologia natural, logo percebemos ser tão intransigente e heterogênea essa morfologia. Essa relação de heterogeneidade simboliza o poder de percepção de uma sociedade.

Tomando como exemplo típico deste tema sobre a relação de poder e paisagem sobre os aspectos geométricos, podemos identificar as construções simbólicas centrais: Figura 1, a Casa Branca (residência do presidente dos Estados Unidos da América). Figura 2, a Cúpula do Capitólio (centro legislativo do governo dos Estados Unidos).

Figura 1: Casa Branca nos Estados Unidos



Fonte: Rockcomcafe.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.rockcomcafe.com.br/2015/01/casa-branca-historia.html>. Acesso em: 19 fev. 2018.

Figura 2: Capitólio, local de reunião do Congresso estadunidense



Fonte: Wikiwand.<sup>2</sup>

A Casa Branca e o Capitólio, os dois poderes em equilíbrio do Poder Executivo e do Legislativo em concordância com a constituição ficaram situados no fim de uma paisagem em formato de um grande L, do qual, na ponta, surge o monumento a Washington posicionando-se geograficamente às margens do rio Potomac, onde se revela a natureza e a cultura.

A Torre Eiffel ergueu-se na cidade de Paris no século XIX, resultado do urbanismo (Figuras 3, 4). O objeto não foi edificado para durar. No contexto do Centenário da Revolução Francesa, a possibilidade de um concurso tornou realidade o cenário da torre. Muitos protestos foram realizados por parte da sociedade civil, movimentos de artistas, justificando que a construção de um monumento dessa natureza ia abalar a identidade da cidade com sua beleza e elegância.

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.wikiwand.com/pt/Capit%C3%B3lio\\_dos\\_Estados\\_Unidos](http://www.wikiwand.com/pt/Capit%C3%B3lio_dos_Estados_Unidos). Acesso em: 19 fev. 2018.



Figura 3: A cidade de Paris e a Torre Eiffel



Fonte: Frazillio Ferroni.<sup>3</sup>

Figura 4: A cidade de Paris, a Torre Eiffel e o rio Sena



Fonte: Depositphotos.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.frazillioferroni.com.br/torre-eiffel-parceria-entre-paris-e-autodesk/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://pt.depositphotos.com/150522294/stock-photo-cityscape-of-paris-with-eiffel.html>. Acesso em: 19 fev. 2018.



Depois de inaugurada, a torre obteve um grande sucesso na Exposição Universal, com aproximadamente 2 milhões de visitantes, tornando-se símbolo da paisagem do país. Mesmo com muitos protestos, a percepção de uma classe dominante representada na época pelo setor industrial francês sobrepujou suas ideias de classe.

Verifica-se que as paisagens de cultura de poder estão sempre se relacionando e apropriando as paisagens naturais estratégicas (Figuras 5, 6). Também é relevante pensar que foi por meio de um concurso que o grupo de cultura dominante conseguiu pôr em prática seu pensamento e interesse pela paisagem.

Figura 5: O Rio de Janeiro e o Cristo Redentor, símbolo da paisagem brasileira



Fonte: Rio Total.<sup>5</sup>

### 3.2 Paisagens alternativas

As culturas alternativas evidentes na paisagem por natureza são menos notadas que as paisagens dominantes, embora com uma alteração na escala de observação possa aparentar dominante uma cultura subordinada ou alternativa.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.riototal.com.br/riolindo/tur008.htm>. Acesso em: 18 out. 2018.

Dessa maneira, várias cidades, entre elas, as inglesas na atualidade têm seus lugares de convivência que são dominados por grupos étnicos cuja questão cultural difere significativamente da cultura branca dominante. “Isto pode produzir uma disjunção entre o ambiente formal constituído de áreas centrais [...], construído antes da onda de imigração no pós-guerra dos antigos territórios imperiais e ainda tendo os símbolos apropriados daquela época.” (COSGROVE, 1998, p. 116) e as intervenções de novas culturas, significados e conexões adotados em uma sociedade plural. Pode-se exemplificar que o antigo local de depósito pode tornar-se uma paisagem de uma mesquita, pôsteres evangélicos podem estar expostos de residências vitorianas. Segundo (COSGROVE, 1998), por mais dominante que possa mostrar-se uma cultura alternativa, ela continua subdominante à cultura materna oficial.

### 3.2.1 Paisagens emergentes

As culturas emergentes geralmente são efêmeras com uma repercussão permanente e relativamente pequena sobre a paisagem. Exemplo: o movimento manguebeat, com seu modo de vida alternativo e geografia própria, o que Cosgrove atribuiu de sistemas simbólicos próprios (Figura 6). As paisagens residuais que marcam o que sobrou de um mercado (feira livre no bairro do Pilar) em Recife (Fotografia 1).

Figura 6: Estátua de Chico Science na Rua da Moeda- Recife, PE



Fonte: Catraca Livre.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/uploads/sites/11/2016/03>. Acesso em: 13 out. 2018.

Fotografia 1: Paisagem residual, Mercado do Pilar



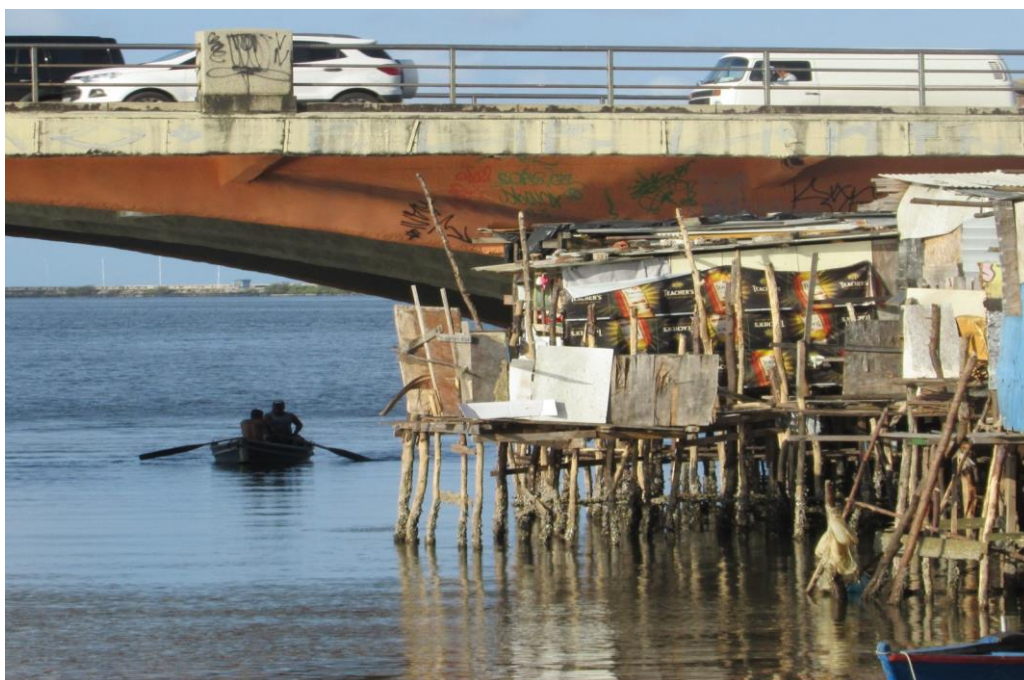
Fonte: Daniel Verçosa, 25 set. 2018.

### 3.2.2 Paisagens excluídas

As paisagens emergentes podem ser excluídas, mas a paisagem humanizada está cheia de símbolos e significados de grupos excluídos, com as marcas de habitantes de ruas para identificar um vizinho como fonte de benevolência, uma comunidade de moradores ribeirinhos na bacia do Pina, na cidade do Recife, enfim, as paisagens cotidianas estão repletas de criptografias e aguardam discussões geográficas. “As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significados. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las.” (COSGROVE, 1998, p. 121).

O rio e o mangue, símbolos de sobrevivência do processo histórico para a população ribeirinha dotado de significados e afetividades (Fotografia 2). Assim, “qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estranho” (COSGROVE, 1998, p. 102).

Fotografia 2: População ribeirinha da Bacia do Pina em Recife



Fonte: Vale, Souza e Braga (2017, p. 4).

Segundo Cosgrove (1998), a população faz parte do meio ambiente, assim como se reconhece e afasta-se literalmente dela por meio da percepção e da perspicácia. Em razão desses fatores da essência humana, o homem interfere na paisagem transformando-a, enquanto nesse procedimento ele também muda.

É a maneira de pensar do homem que dá significado à paisagem em uma escala maior ao espaço geográfico mundial, mas ela não é composta apenas de sentidos, que faz aprumar-nos ao ambiente, ou apenas de racionalidades, que nos afastam dela. Essa cultura não material é estabelecida pelos princípios aquinhoados e crenças, compondo a percepção coletiva (COSGROVE, 1998).

Assim é relevante que se reconheça a herança do entendimento em produzir o conhecimento por meio dos significados, pois isso pode contribuir e minimizar o dualismo entre materialismo e imaginação, embora isso não seja satisfatório para erradicar todos os problemas teóricos das investigações que têm em vista apresentar os significados do mundo (COSGROVE, 1998).

Relacionando a contribuição do estudo da paisagem nas lentes de Cosgrove e dialogando com a autora Lana Cavalcanti (2005), a pensadora argumenta que é fundamental que se concretize o estudo da paisagem com o intuito de uma geografia ativa que supere a maneira desprovida de estudar a paisagem.

À luz dessa maneira de perceber a necessidade de um ensino contextualizado, o professor de Geografia tem um papel importante no sentido de promover um ensino pautado na percepção dos estudantes sobre a paisagem e assim instigá-los ao caminho para o entendimento dos valores e os significados a ser empregados na vida dos estudantes. Como ponto de partida, o valor dos espaços de convivência, das condições da realidade do estudante, da família e das relações cotidianas, de modo que a EJA deva simbolizar no ensino de Geografia a multiplicidade cultural e sociável, a dessemelhança relativa ao meio ambiente; igualmente, sobre as ações e os procedimentos do ambiente das diferentes paisagens, reconhecendo os direitos e os deveres das distintas gerações na edificação, sobretudo da democracia na reconstrução da paisagem.

## **4 CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO CURRICULAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

No discorrer deste texto, abordaremos a concepção de estágio com ênfase no professor reflexivo. Trataremos que o movimento teórico na década de 1990, sobre a concepção de estágio, marca a busca de superar a dualidade entre teoria e prática, e a epistemologia da prática emerge e diferencia o conceito de ação. Por último, a construção da identidade docente.

### **4.1 O estágio curricular como possibilidade de reflexão do exercício docente**

Apreendemos que o estágio curricular se concebe como um campo de estudo, o que significa atribuir-lhe um regimento epistemológico que supera a tradicional redução à atividade prática pautada em uma racionalidade instrumental. Nessa reflexão surgem inquietações a respeito do que seja um professor reflexivo. Qual professor que se formar com essa concepção?

O estágio sempre trouxe como percepção essa parte prática dos cursos de formação de profissionais, neste caso, os futuros professores, a contraposição teórica. Dizeres populares ainda muito presentes na sociedade contemporânea a exemplo de: na prática a teoria é outra. No bojo dessa justificativa popular, a certificação, no caso da formação docente, de que o “curso não fundamenta teoricamente a atuação do profissional e nem torna a prática como referência para fundamentação teórica” (PIMENTA; LIMA, 2005-2006, p. 6).

A concretização de qualquer profissão é prática, e a de professor não é diferente. O problema dos estudantes com essa percepção é que tiveram sua formação pautada no reducionismo, ou seja, a maneira de aprender a ser um profissional foi por meio apenas da observação e a reprodução dos modelos. Precisamos compreender e saber como o profissional foi formado e aprendeu os conhecimentos específicos. Sendo assim, aprenderam conteúdos que consideram adequados, acrescentam novas formas de trabalhar, mas não consideram seus saberes e vivências que adquiriram ao longo da vida como produção do conhecimento, embora o professor use muitas metodologias de trabalho em sala de aula, mas, muitas vezes, com o predomínio de um ensino embasado na abordagem tradicional. Segundo Pimenta e Lima (2005-2006, p. 6), o estágio “carece de teoria e de prática”. O estágio é um campo do conhecimento composto por saberes plurais.



No movimento de profissionalização docente na década de 1990, discussões sobre a concepção de estágio traçaram novas perspectivas para superar a suposta separação entre atividade teórica e atividade prática no estágio. Nesse contexto as reflexões sobre essa dualidade trouxeram como resultado uma nova concepção de estágio curricular definido como atividade teórica que proporciona compreender e chegar da realidade. No cerne dessas questões, a epistemologia da prática emerge e se distingue o conceito de ação, que diz respeito ao conceito de prática, que diz das instituições, do estágio como pesquisa, sobretudo, esse componente que começa a ganhar dimensão no cenário acadêmico. Assim, consoante Pimenta e Lima:

A finalidade do estágio é a de proporcionar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. Defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade. (PIMENTA; LIMA, 2005-2006, p. 13).

A palavra realidade citada nesse contexto remete ao sentido de envolvimento, de racionalidade, pois os estágios, na maioria, são recheados de burocratização, fichas de observação, uma herança do projeto da modernidade, com olhar mecanicista. Nessa nova percepção, o estágio é uma atividade de ensino curricular, é uma incumbência teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e mediação da realidade, este sim, instrumento da ação. Em outras palavras, é no exercício docente do chão da sala de aula, da escola, da organização do ensino e da sociedade que a prática ocorre. Eis a inquietação. A pesquisa no estágio é uma contribuição relevante?

A pesquisa no estágio e no processo de formação do futuro professor permite aprofundamento do conhecimento integral à prática. A pesquisa é um procedimento metodológico e propicia as mais diferentes análises dos contextos em que componentes de estágios se realizam. Também, em particular, na possibilidade dos futuros professores de Geografia e os professores orientandos possam desenvolver posturas e habilidades de pesquisador da própria prática a partir das vivências de estágio, no sentido de elaborar projetos que lhes promovam simultaneamente entender e problematizar as conquistas e lacunas na sua prática e as vivências que observam.

Mediante a nova percepção de estágio, que pressupõe outro olhar diante do conhecimento, que passe a considerá-lo apto de explicitar toda e qualquer situação observada, o que tem conduzido estágios e estagiários a apropriar-se de um novo conhecimento propiciando novas relações entre as explicações existentes e os fatos novos que a realidade exige e são percebidos na postura investigativa (PIMENTA; LIMA, 2005-2006).

No Brasil, o movimento de apreciação da pesquisa no estágio tem sua origem na década de 1990, com as fervorosas discussões e reflexões acadêmicas com ênfase no campo da didática e da formação dos professores, a respeito da indissociabilidade entre o conhecimento teórico e a prática. Tendo por alicerce a percepção do professor (ou futuro professor) como o profissional da intelectualidade em processo de formação e a educação como processo dialético de construção do homem historicamente posicionado, as portas se abriram para um começo de entendimento do estágio como análise das práticas pedagógicas nas instituições educativas (PIMENTA; LIMA, 2005-2006). Dessa maneira:

A formação de docentes para a 'Educação Básica, em todas as modalidades de ensino, com vista a produzir os saberes geográficos críticos e reflexivos em um enfoque de indissociabilidade promovendo a incorporação da pesquisa' como instrumento de aprofundamento do conhecimento tem conduzido, na ação educativa, abordagens e posturas ético-políticas compatíveis com uma formação para o cidadão ativo política e socialmente. (IFPE, 2011, p. 23-24).

Essa interpretação mais holística e contextualizada da formação de docentes aponta para um profissional da intelectualidade, que vivencia em determinado espaço e em certo momento da história, que seja habilitado a perceber o caráter coletivo e social de sua profissão (LIMA, 2001). Do mesmo modo, as contribuições de pensadores sob a percepção de professor como profissional reflexivo prezando os distintos saberes do exercício docente tornam-se relevantes para a educação brasileira (SCHÖN, 1992), e como professores críticos reflexivos (CONTRERAS, 2002; PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Como discutimos anteriormente, para ser indubitável, o estágio curricular exige domínio do conhecimento, planejamento, reflexão, diálogo entre os estudantes e professores orientadores, para a construção de um projeto que contemple a formação integral. Desse modo, nas etapas de aprendizagem em campo de estágio



realizadas pelos estudantes, com ideias e trajetos que se deseja desenvolver no exercício docente em uma percepção coletiva.

Com as mudanças no estilo de vida da humanidade e as novas atitudes em todos os segmentos, com destaque na política educacional, e precisamente em ambiente de sala de aula, emergem novas inquietações sobre a atribuição do papel do professor de Geografia no contexto social vigente que consiste nas novas qualidades exigidas para os docentes que concretizam os exercícios de ensino em nível de educação básica.

O estágio curricular no IFPE/Recife traz em sua concepção como prática de ensino a responsabilidade de todos os professores do curso envolvendo, necessariamente, uma visão coletiva dos formadores; dessa maneira, não podendo ficar reduzido ao espaço isolado de um componente curricular, fundamentando que o valor da prática deve estar presente desde o início, permeando toda a formação do futuro professor, promovendo e mediando as distintas práticas em uma perspectiva interdisciplinar.

O estágio no curso de Licenciatura em Geografia promove como característica principal rupturas, a construção de subjetividades e a interligação dos conhecimentos de natureza teórica e prática, propostos pelo curso, partindo do conhecimento da realidade da comunidade escolar no decorrer na concretização das práticas de ensino em sala de aula e no desenvolvimento do currículo da escola por meio dos projetos sistematizados por ela.

Então, há de se cogitar nos procedimentos de ensino a serem utilizados em sala de aula e na escola para que se tenha como perspectiva a “formação de um ‘homem inteiro’ e que, por meio da prática aliada a reflexão, construa-se o caminho para essa conquista” (PONTUSCHKA, 1993, p. 102).

Os professores que laboram com o conhecimento e com sua mudança em sala de aula têm uma dedicação com a formação desse sujeito por inteiro e, para tanto, carecem de buscar caminhos e inovações para o trabalho pedagógico. Dentre elas, destacam-se as práticas ditas interdisciplinares (PONTUSCHKA, 1993).

A reflexão sobre as rápidas transformações em distintas escalas que ocorrem no espaço geográfico impactou no ensino de Geografia. Sendo assim, compõe-se outro grande desafio na política educacional. Dessa maneira, um dos grandes problemas de um professor de Geografia é justamente saber como desafiar com a emergência de novas intencionalidades; em outras palavras, como o ensino vai ser

mediado, quais as orientações de ensino e como estão originando-se para atentar a prática e suas implicações em uma percepção de ensino inovadora.

Contreras (2002) adverte para o fato de que a prática de professores carece ser investigada, considerando que a sociedade é plural, no discernimento na multiplicidade de saberes, mas também heterogêneo, no contexto das diferenças sociais, econômicas, culturais e políticas. Sendo assim, é consoante com Carr (1995) ao evidenciar para a característica transitória e contingente do exercício dos professores e para a inevitabilidade de transformá-la em um pensamento crítico. Gomes e Lima (2002) convidam a pensar a formação do professor no ponto de vista de uma nova qualificação que está inserida no contexto histórico das alterações que vivenciamos. Ghedin (2002) afirma que o campo da reflexão é a crítica como intermédio de redimensionar e ressignificar a prática docente.

Nesse entendimento dos autores, o estágio curricular deixa de ser visto apenas como apêndice dos componentes e passa a constituir o corpo de saberes do curso de formação de professores. Esses saberes envolvem o estudo, a averiguação, a problematização, a reflexão e a proposta de ensinar e aprender. Requerem vivenciar possibilidades de ensino, preparar-se a elaborar e avaliar projetos de ensino não apenas no ambiente de sala de aula, mas também nos distintos espaços da escola.

Os estudos e as investigações sobre a identidade docente têm conquistado a importância e a afeição de muitos pensadores na demanda do entendimento das posturas constituídas pelos profissionais de ensino (professores). Trocar ideias a respeito da profissão docente intenta que se trate da edificação de sua identidade. De que forma o componente curricular de estágio pode corroborar a edificação da identidade do professor?

A identidade do professor é produzida por todo o percurso da formação na academia e em especial no campo de atuação do estágio nas escolas. No entanto, é no decurso de sua formação que são alicerçados as opções e os propósitos da formação que o curso se dispõe a legitimar. Sendo o estágio um campo do conhecimento, portanto um lócus de reflexão no que diz respeito à construção e ao revigoreamento da identidade, a averiguação dessa temática poderá colaborar para os estudantes e professor que vivenciam o estágio entenderem que nesse espaço poderão ser tecidos os princípios e os aspectos identitários da profissão professor. Consoante Marta Buriolla:

Estágio é o lócus onde a identidade profissional é gerada construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente com essa finalidade. (BURIOLLA, 2001, p. 10).

Assim sendo, a identidade vai sendo instituída com as vivências e a memória pessoal, no coletivo e na sociedade. Segundo o intelectual Dubar:

[...] a identidade humana não é dada, de uma só vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói [sua identidade] sozinho: depende tanto do julgamento dos outros, como suas próprias orientações e auto definições. [Assim] a identidade é produto de sucessivas socializações (DUBAR, 1997, p. 13).

Segundo esse autor, a identidade profissional aponta para a necessidade de que sua edificação carece de espaços de formação ou de ofício para se organizar, desse modo, “o encontro de trajetórias socialmente condicionadas por campos socialmente estruturados” (DUBAR, 1997, p. 177).

As reflexões sobre a profissionalização docente, pesquisas, carreiras profissionais, alternativas de emprego, aliadas à ética profissional, competência e ao comprometimento deverão integrar o campo epistemológico esmerados no campo de estágio (escolas) por meio de procedimentos de pesquisa, que tenham como finalidade a construção da identidade docente. Para essa edificação, corroboram também os estudos, as considerações do exercício pedagógico que se processam nas escolas com base nos aportes teóricos dos campos do currículo, didática, prática de ensino, da relevância dos aspectos subjetivos que expõem a identificação e a aceitação dos sujeitos a ela, para que os estudantes em via de formação nessa profissão digam para si que desejam ser professores.

Os cursos de formação de professores podem ter significativa incumbência nessa composição ou revigoração da identidade à medida que proporcionam a reflexão e a verificação crítica das diferentes representações sociais, históricas, edificadas e realizadas na profissão (GUIMARÃES, 2001).

Com base no que foi dito pelo autor em tela, podemos mencionar que o futuro professor conhece seu campo de trabalho desde criança, mas é no momento de concretização das atividades de ensino no estágio que esse sujeito entra em uma

sala de aula e aprende a construir um olhar diferente da dinâmica da escola, da sala de aula, e também do que seja ensinar. É no enfrentamento com as representações e as buscas sociais que a identidade será instituída, para a qual são essenciais a percepção, os saberes, as habilidades, os procedimentos e o engajamento profissional.

Selma Pimenta, quando aborda a construção da identidade, reconhece:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições. Mas, também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem e inovações preecham de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes da construção de novas teorias. Constrói-se, também pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano a partir de seus valores, do seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua vida de relações com outros profissionais, nas escolas, nos sindicatos em outros agrupamentos. (PIMENTA, 2007, p. 19).

Com base no que a autora afirma a respeito da construção da identidade docente no campo de estágio, as realidades, as aprendizagens das distintas disciplinas, as experiências, dentro e fora da academia, intervêm a construir a identidade docente. Sendo assim, ao viabilizar a presença do estudante estagiário no cotidiano da escola, abre o ambiente para a vivência e o exercício docente na sociedade.

Finalmente, enxergamos que uma abordagem reflexiva marcada em uma proposição de conhecimentos que colabore para o professor, como “mediador de saberes de forma indissociável dos conhecimentos pedagógicos” (BRAGA, 2016, p. 107), promove para o estudante envolvido no processo de formação a construção do senso crítico que torne o sujeito mais participativo política e socialmente no local de convivência, além de maior contingência de laborar as diferenças entre os sujeitos aprendizes e maior dedicação ao outro.

## **5 A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES E OS SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO CONCEITO DE PAISAGEM**

Nesta seção a pesquisa encaminhou-se à percepção dos estudantes sobre o que significa paisagem, metodologia, oficinas de ensino, objetivos, entrevista semiestruturada sobre o estudo da paisagem no ensino de Geografia. Para tanto, compreendemos as etapas de planejamento, observação participativa, objetivos, entrevista semiestruturada, perfil dos estudantes quanto ao nível de escolaridade da EJA e o cotidiano das aulas de Geografia nas distintas turmas, com uma dinâmica própria de organização e funcionamento da formação do futuro professor que incidem diretamente na organização e produção do estudo em foco. Quanto ao período da investigação, ela se realizou no segundo semestre de 2018, durante as atividades de ensino (regência) no Estágio Curricular.

Destacamos que, no primeiro momento, realizamos um aprendizado colaborativo que promoveu a delimitação do objeto de estudo, a definição dos sujeitos estudantes e dos procedimentos metodológicos essenciais para o avanço da segunda etapa da pesquisa envolvendo os estudantes do curso da EJA.

Como primeiro passo da pesquisa, realizamos uma revisão da literatura, levantamento documental, discussões e reflexões sobre o ensino de Geografia, seleção do conteúdo a ser trabalhado nas atividades de ensino mediante a temática e os objetivos edificadas na investigação. O roteiro das atividades foi devidamente planejado, discutido e aplicado com base na sequência didática, e fundamentado no conceito de paisagem. A construção das intervenções didáticas, nas aulas de Geografia, no estágio curricular, apresentou contínuas adaptações até o formato final do roteiro de atividades inicialmente planejadas.

Como elemento primordial para verificar a viabilidade do estudo da paisagem nas turmas da EJA, a pesquisa teve como um dos fatores predefinidos a regência de aulas orientadas pela observação do professor de Geografia na escola, participação do professor, estudantes e o futuro docente nas oficinas de ensino, o que caracteriza a técnica da pesquisa-ação, com abordagem qualitativa em razão da complexidade do ensino na atualidade, portanto, os procedimentos fundamentaram o avanço da segunda etapa da investigação.

### 5.1 O pensamento acerca de paisagem: objetivo e metodologia

Pretendemos expor e desvelar as respostas emitidas pelos estudantes investigados por meio de questionários que tratam da coleta de dados da faixa etária e profissão (APÊNDICE A) e entrevistas.

Sendo assim, todos os estudantes das turmas de EJA, da Escola Henriqueta de Oliveira, foram convidados oficialmente via roteiro de entrevista com o objetivo de colaborar com a pesquisa, ficando cientes de que o estudo constitui tema de Trabalho de Conclusão de Curso que visa estudar os significados da paisagem e suas diferentes percepções, no trabalho intitulado: *A percepção dos estudantes do Curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Henriqueta de Oliveira sobre o conceito de paisagem: vivências em campo de estágio no ensino de Geografia*. A apresentação dos dados obtidos nesta pesquisa terá como característica a literalidade das respostas emitidas pelos estudantes pesquisados por meio de entrevista (APÊNDICE B). Os dados obtidos por atividades de oficina serão apresentados em gráficos de pizza de números 1 a 4 e as fotografias de autoria dos estudantes entrevistados codificadas pela numeração de 2 a 16. Foram convidados oficialmente via carta-convite (APÊNDICE C) e assinaram o Termo de Livre Consentimento (APÊNDICE D), e o professor de Geografia das turmas da EJA para entrevista sobre a formação paisagem e formação docente (APÊNDICE E).

Destacamos que os dados são exibidos e estudados tendo em vista o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho acadêmico, que estão justamente relacionados com as etapas de formação e habilidades a conhecer: aguçar a jornada no tocante ao encadeamento do saber dos estudantes de ensino de Geografia observados; discernir as percepções e os diferentes saberes mobilizantes em situação de concretização de suas aprendizagens de ensino que somam ao saber teórico e ao empírico. Dessa forma, externar os significados que se manifestam no processo de ensino-aprendizagem, que se compõem da integração dos saberes. Essa trajetória da pesquisa reside em averiguação interpretativa da maneira de perceber desses estudantes sobre o seu processo de formação cidadã, os quais privilegiam pontos de vista de seu cotidiano e, especialmente, a visão correlacionada com o estudante que exerce suas atividades pedagógicas no curso de educação básica na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Como passo norteador da pesquisa, o instrumento de análise aplicado aos estudantes da EJA na Escola Henriqueta de Oliveira, divide-se em quatro etapas. O Quadro 1 apresenta a faixa etária dos estudantes envolvidos na atividade de investigação. O questionário compõe-se de seis perguntas distribuídas em três questões subjetivas e três questões mistas (objetiva e subjetiva, permitindo, assim, que os dados fossem mais bem sistematizados. Nesse contexto buscamos informações que dizem respeito à identificação, faixa etária e profissão/ocupação.

Quadro 1: Identificação dos sujeitos da pesquisa: média de idade e profissão/ocupação

<b>Nome</b>	<b>Idade entre</b>	<b>Profissão</b>
E1	30 e 39	Estudante
E2	20 e 29	Doméstica
E3	20 e 29	Estudante
E4	40 e 49	Operador de caixa
E5	30 e 39	Estudante
E6	40 e 49	Doméstica
E7	20 e 29	Doméstica
E8	30 e 39	Doméstica
E9	20 e 29	Estudante
E10	20 e 29	Camareira
E11	15 e 19	Estudante
E12	30 e 39	Estudante
E13	30 e 39	Estudante
E14	20 e 29	Estudante
E15	20 e 29	Estudante
E16	20 e 29	Estudante
E17	20 e 29	Manicure
E18	30 e 39	Doméstica
E19	20 e 29	Eletricista
E20	30 e 39	Estudante
E21	30 e 39	Estudante

Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

Nesse sentido, em relação à idade dos estudantes da EJA, verifica-se a maior concentração de idades entre 20 e 29 anos com dez estudantes, entre 30 e 39 anos com oito estudantes, entre 40 e 49 anos com duas pessoas e entre 15 e 19 anos com apenas um estudante.

Como ponto de partida, vale a análise da idade dos estudantes e o destaque para o fato de que o ensino médio na modalidade da EJA, caracteristicamente, abrange, na maioria, trabalhadores, pessoas que por diferentes motivos tiveram de se afastar da escola e não cumpriram sua escolarização e formação no tempo previsto.

Na segunda etapa, solicitamos aos estudantes que fotografassem uma paisagem e explicassem o motivo pelo qual eles escolheram a referida imagem e qual o significado dessa paisagem para eles.

Quadro 2: Procedimentos metodológicos das atividades de ensino

<b>Etapas</b>	<b>Procedimentos</b>
1 - Entrevista sobre paisagem	Aplicado aos estudantes, contendo 6 questões subjetivas. Intitulada: O estudante e a inserção dos saberes e investigação em uma formação cidadã
2 – Oficina: O fotógrafo é você!	Estudantes fotografam individualmente uma paisagem e apresentam seus significados em ambiente de sala de aula
3 – Oficina: Descreva-me se puder	Os estudantes, com os olhos vendados, ouviram uma narrativa sobre paisagem e construíram percepções conforme narrativas nos slides.

Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

A terceira etapa foi a atividade de oficina de ensino orientada pelos estudantes licenciandos e o professor orientador de estágio que conceituaram a categoria de paisagem e, posteriormente, vedaram os olhos dos 21 estudantes e foi narrado um texto sobre uma determinada paisagem. Após a narração, os estudantes fizeram anotações e depois foi apresentado o que continha no slide. Esse procedimento realizou-se com três slides e narrações distintas, para, assim, promover nos estudantes a construção da percepção por meio dos sentidos.

A Educação na modalidade da EJA tem uma proposta pedagógica diferente da modalidade regular, assim como uma organização curricular na singularidade de vida dos sujeitos. Desse modo, as relações de ensino-aprendizagem, as didáticas de trabalho docente e a formação do professor que atua nessa modalidade de ensino exigem uma didática inovadora e o uso de metodologias que contemplem atividades lúdicas e metodologias ativas como exemplo e aplicativos, softwares pedagógicos para uma formação integral para esses estudantes, dando prioridade à formação crítica e reflexiva dos sujeitos.



Partindo dessa reflexão para a elaboração do questionário, utilizamos um conjunto de estratégias a respeito do conceito de paisagem com interesse principal em investigar quais as representações criadas pelos estudantes sobre o tema, promovendo, assim, a obtenção de respostas o mais natural possível.

No que se refere à sistematização das informações e ao tratamento dos dados empíricos, utilizamos como referência a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin.

Conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47).

Mediante esse conjunto de técnicas e análises das comunicações dos estudantes, pela percepção foram sistematizados os gráficos e entrevistas sobre os significados dados pelos sujeitos estudantes no que se refere ao conceito de paisagem. Conforme as respostas obtidas, fazem-se transcrições literais das falas dos entrevistados e foram listadas 5 categorias:

- a) paisagem como natureza;
- b) paisagem humanizada;
- c) paisagem apenas como bela;
- d) paisagem como criação divina;
- e) paisagem como lugar de vivências.

## **5.2 A percepção e a geografia no estudo da paisagem**

A percepção de uma pessoa sistematiza e interpreta emoções, sensações, para atribuir significados obtidos pelos sentidos. A Geografia da percepção, segundo Corrêa (2001) está fundamentada na subjetividade, no pensamento, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo na possibilidade, privilegiando o singular. A Geografia da percepção preconiza conhecimentos que cogitam o mundo significativo pelos sujeitos.

Conforme Lencioni (2003, p. 150-151) “a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental.” O mundo vivido coloca o sujeito em contato com o mundo dos objetos

exteriores por via do que pensam e sabem os sujeitos pelas paisagens de suas convivências ou que marcaram algum momento de sua vida. Ensinar a Geografia de maneira que valorize as experiências de vida pela percepção sobre a paisagem é estimular os estudantes ao diálogo no cotidiano de sua vida.

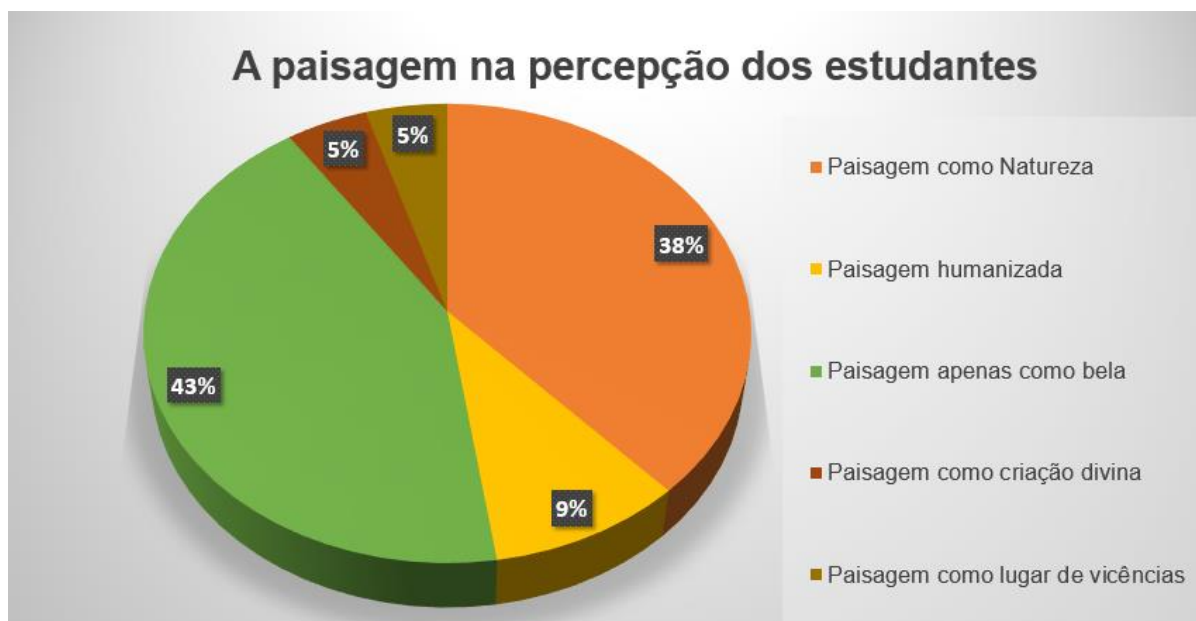
A percepção tem por sustentáculo o entendimento. Segundo Del Rio (1996, p. 3) a percepção é um “processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos”. Esse procedimento é corolário em distintos símbolos, significados, concepções, atitudes e atividades.

### **5.3 A percepção dos estudantes e os significados da paisagem**

A entrevista apresenta uma gama de ocorrências que instigam o engrandecimento da percepção possibilitando por meio da voz dos estudantes estudos mais profundos e significativos do objeto em foco. Em uma abordagem colaborativa, os questionários com questões objetivas sejam individuais, sejam de maneira coletiva, também as entrevistas com questões subjetivas, compõem-se em relevante vivência para os sujeitos envolvidos (pesquisador e professores) já que elas possibilitam meios para os estudantes exteriorizar seu pensamento e ouvir uns aos outros.

Fundamentando-se nesse princípio, Ibiapina (2008, p. 76) argumenta que a concretização para as investigações colaborativas e os momentos didáticos pedagógicos ocasionam a composição de informações que tornam perceptíveis e verbalizáveis os saberes que os estudantes propiciam nas atividades de ensino nas aulas de Geografia. Seguiremos com as respostas dos entrevistados que serão identificadas por letras e números. Exemplo: Estudante 1 (E1) e assim por diante (Gráfico 1).

Gráfico 1: O que é paisagem na sua percepção?



Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

Os estudantes E2, E3, E8, E13, E18, E19 percebem a paisagem como categoria da natureza. A seguir os discursos dos sujeitos estudantes: o olhar desses sujeitos estudantes estão associados à percepção da paisagem como meio dos processos físicos.

- E2 – Paisagem é um lugar bonito, um pôr do sol, um mar, tudo isso é uma paisagem.  
 E3 – É a natureza, lugar calmo.  
 E8 – Paisagem, para mim, é a beleza das árvores, rio, praia, mato, floresta, tudo que a natureza nos tem oferecido.  
 E13 – Natureza, as árvores.  
 E18 – É olhar para o mar e ver que ele é lindo, é olhar para a natureza.  
 E19 – Natureza.

Verifica-se que a seleção da paisagem como categoria natureza diz respeito a que os estudantes estão interessados nesse tipo de paisagem, porque são parte dela. Seus saberes sobre paisagem integram-se com o quadro fitogeográfico, que, embora não explícito, vincula-se à questão climática. Por essa análise, pode-se justificar que é por meio de estudo da percepção que se constroem os saberes da paisagem adjacente, que se sistematiza um pensamento individual e coletivo em determinado contexto.

Os estudantes E4, E9, E10, E11 perceberam a categoria da paisagem humanizada.

- E4 – Paisagem é uma visão ótica onde podemos contemplar imagens, como campos verdes, elementos culturais e valores agregando assim tudo que envolve de belo ou de ruim à sua volta.
- E9 – Paisagem é tudo aquilo que nos remete a alguma situação como cheiro, sabor.
- E10 – É um lugar cheio de árvores e coisas decoradas, ilustradas, coloridas e descoloridas.
- E11 – Paisagem é tudo que podemos ver, ouvir, cheirar, sentir, etc.

A paisagem, na geografia humana, sempre esteve ligada à cultura e à ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com sua composição. A paisagem, de fato, é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena” em uma unidade visual (COSGROVE, 1998, p. 98).

Os estudantes E2, E6, E8, E16 perceberam a categoria da paisagem como o belo constituído pela natureza e oferecido por ela.

- E2 – Paisagem é um lugar bonito, um pôr do sol, um mar, tudo isso é uma paisagem.
- E6 – É tudo que acho bonito e admiro.
- E8 – Paisagem, para mim, é a beleza das árvores, rio, praia, mato, floresta, tudo que a natureza nos tem oferecido.
- E16 – Um lugar bonito, com natureza.

Os estudantes, classificados em E1, E5, E12, E14, E17, E21, perceberam a categoria da paisagem como tudo que é visível ao homem.

- E1 – Tudo o que vemos.
- E5 – A paisagem é tudo o que vemos ao nosso redor, pode ser uma árvore, uma vegetação.
- E12 – Tudo que conseguimos ver.
- E14 – É tudo aquilo que vemos.
- E15 – Tudo pode ser paisagem, depende do modo de ver as coisas.
- E17 – É tudo que eu vejo, ex: sala de aula, cachoeira, rios, etc.
- E20 – É uma imagem de algo.
- E21 – Paisagem é tudo aquilo que vemos.

Enquanto o estudante, classificado em E7 definiu a categoria da paisagem como símbolo teológico.

### E7 – A paisagem é um presente de Deus.

Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira autoconsciente e, então, representar essa paisagem em um nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos (COSGROVE, 1998). As vantagens que temos ao tratar o estudo da paisagem no ensino de Geografia é que muitos significados atribuídos nos conceitos dos estudantes são espontaneamente encontrados na aceção de que seu ponto de partida é algo popular em nossa vivência à medida que somos parte da natureza.

É possível entender que a geografia pode corroborar muito essa contingência de intervenção no âmbito do estudo da paisagem para o fortalecimento da educação cidadã. Lana Cavalcanti (2012) nos auxilia nesta análise ao trazer elementos da geografia para o estudo da paisagem. Segundo a autora:

O ensino de geografia contribui para a formação da cidadania por meio da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escola organizada como um espaço aberto e vivo de culturas. (CAVALCANTI, 2012, p. 81).

Segundo Libâneo (1994, p. 178), “o termo aula não se aplica somente à aula expositiva, mas a todas as formas didáticas organizadas e dirigidas direta ou indiretamente pelo docente, tendo em vista realizar o ensino e a aprendizagem”. Em outros termos, a aula é todo o contexto de ensino na qual se põem propósitos, sapiência, saberes, o trabalho de transposição dos conteúdos, problematizações, instigações, propositadamente, com fins educativos e formativos, que instigam os sujeitos estudantes a aprender.

Os estudantes, na maioria, perceberam a paisagem como aspectos naturais ou aquilo que é bonito, visualmente agradável aos olhos. Assim, é essencial o reconhecimento da diversidade de experiências dos estudantes sobre a sua realidade, considerando as diferentes histórias e saberes em ensino, e a partir destes, trabalhar os conteúdos claros e objetivos, dando oportunidade sempre ao diálogo em função de que o seu conhecimento seja valorizado e construído.

Entende-se, portanto, que o ensino significativo é aquele que possibilita contextualizar e correlacionar os saberes da própria experiência, ou seja, perceber

as próprias conclusões e questionamentos sobre o objeto de estudo. Com isso, surgiu outra inquietação, neste caso, em saber se todos os estudantes colaboradores da pesquisa estudaram sobre o conceito de paisagem nos anos finais do ensino fundamental. Segue no Quadro 3, e no Gráfico 2, a seguinte pergunta:

Quadro 3: Nos anos finais do ensino fundamental, você estudou sobre as paisagens da Terra?

Estudantes	Respostas
E1	"Sim"
E2	"Sim"
E3	"Sim"
E4	"Sim"
E5	"Um pouco sobre esse assunto"
E6	"Sim"
E7	"Sim"
E8	"Sim e amei; é lindo e triste ao mesmo tempo saber que o homem destrói tudo que Deus nos deu"
E9	"Não"
E10	"Não"
E11	"Não me lembro"
E12	"Não"
E13	"Sim"
E14	"Não lembro"
E15	"Sim, só não lembro muito"
E16	"Um lugar bonito com natureza"
E17	"Sim"
E18	"Sim"
E19	"Sim"
E20	"Não"
E21	"Sim."

Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

Gráfico 2: Nos anos finais do ensino fundamental você estudou sobre as paisagens da Terra?



Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

Na análise do gráfico, percebe-se que a maioria dos estudantes afirmam que sim, que estudaram a paisagem durante o ensino fundamental. Assim, consoante a ideia de que a Geografia estuda o cotidiano de vida, as relações da sociedade com o mundo, por meio da leitura da paisagem, devem-se reconhecer que a paisagem é a representação do espaço em um determinado contexto, não é uma fotografia, mas manifesta-se tudo que existe por traz dela (CALLAI, 2000).

Assim, é de extrema importância o estudo da paisagem durante os primeiros anos de ensino, promovendo um diálogo do sujeito com o mundo em que vive, a partir das características inerentes a cada lugar. Com isso, surgiu outra inquietação referente ao interesse sobre o estudo da paisagem, quadro 4.

Quadro 4: Por que motivo o estudo da paisagem é interessante nas aulas de Geografia?

Estudantes	Respostas
E1	"É interessante porque buscamos mais conhecimentos sobre o lugar onde vivemos, que é uma paisagem"
E2	"É interessante porque aprendo mais sobre a geografia"
E3	"Porque é bom ver o que é paisagem"
E4	"Aprendemos a valorizar mais o que temos à nossa volta e respeitamos mais o meio ambiente. Quando respeitamos o meio ambiente, teremos paisagens mais saudáveis para olhar"
E5	"Porque nosso país é cheio de paisagens e de relevos, e tem tudo a ver com o meio geográfico"
E6	"Tudo que estudamos na Geografia é interessante, porque estudamos os mapas e os relevos do nosso Brasil"
E7	"Saber um pouco da natureza"
E8	"É importante para termos conhecimento de tudo que está à nossa volta e também para aprender a darmos mais valor a tudo que Deus nos presenteou"
E9	"Para que possamos distinguir e saber o valor de cada paisagem em nossa vida"
E10	"É interessante, pois aprendemos coisas lindas"
E11	(Não respondeu)
E12	"Porque ficamos sabendo das coisas"
E13	"É muito interessante para aprender"
E14	"Para conseguir discernir o diferencial da paisagem"
E15	"Para aprender as diferenças da paisagem"
E16	"Ter conhecimento de vários lugares é interessante"
E17	"É interessante porque eu conheço mais"
E18	"É muito importante falar sobre as paisagens, e Deus fez tudo isso lindo"
E19	"Ensinam muito sobre natureza"
E20	"Ver como é bom observar uma paisagem"
E21	"É interessante, porque conhecemos mais sobre as paisagens mais belas que existem."

Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

No que se refere à análise, a percepção dos estudantes sobre o interesse do estudo da paisagem nas aulas de Geografia foi construída em 3 categorias.

- a) conhecimento;
- b) conceito de paisagem;
- c) paisagem e meio ambiente.

Segundo os estudantes representados com os códigos E1, E2, E5, E6, E8, E9, E12, E13, E16, E17, E18, E20, o estudo da paisagem em sala de aula é importante para adquirir conhecimento. Na opinião dos estudantes representados pelas referências E3, E10, E14, E15, E20, o estudo do conceito de paisagem é interessante para diferenciá-las e até aprender mais sobre o conceito. Os estudantes E4, E7, E19 defendem o interesse das questões ambientais e o E11), não respondeu. O conhecimento geográfico vem de cinco princípios que possuem relação entre si como paisagem, lugar, região, território e espaço, pois todos se referem à ação humana no espaço geográfico.

Partindo da compreensão de que o espaço geográfico é um espaço produzido, bem como fundamenta a natureza como condição concreta de produção social, cultural e humana, a educação tem função estratégica nesse meio termo.

Nesse contexto, o ensino de Geografia, quando abordado de maneira crítica e reflexiva, é uma contribuição socioeducativa e se fundamenta no fato de a relação e o educando precisar conhecer e analisar o mundo contemporâneo na perspectiva geográfica local, por intermédio da paisagem a fim de compreender como a sociedade se organiza no tempo e quais as relações que estabelecem na transformação do espaço. Nesse sentido, aprofundando a fala dos estudantes da EJA, perguntou-se sobre a importância da Geografia como disciplina (Quadro 5).

Quadro 5: Na sua opinião, a Geografia é uma disciplina interessante de estudar e aprender? Sim ou Não? Por quê?

(continua)

Estudantes	Respostas
E1	"Sim, porque na geografia conhecemos o que veio antes de nós e outras coisas como a terra."
E2	"Sim, porque aprende sobre a Terra. Paisagem, economia"
E3	"Sim, porque estudamos a formação da Terra"
E4	"Sim, a geografia ensina muitas coisas, entre elas, aprendemos o que é migração, êxodo rural, etc. Gosto muito da matéria, pois nela obtenho conhecimentos do passado e do futuro"
E5	"Sim, porque fala sobre a nossa geografia e aprendemos sobre o meio ambiente onde vivemos."
E6	"Sim, porque aprendemos a conhecer melhor o nosso planeta"



(conclusão)

Estudantes	Respostas
E7	"Sim, estudar um pouco a terra, o solo, o clima, a vida da Terra"
E8	"Sim por que aprendemos sobre economia, sobre o solo, o tempo, o terremoto e suas causas, etc."
E9	"Sim, porque, pela geografia, aprendemos sobre o relevo da terra, localização entre outros"
E10	"Sim, porque sabemos um pouco sobre a geografia, explica e mostra as coisas que acontecem na Terra"
E11	"Sim, por que temos oportunidade de estudar sobre muitas coisas como poluição, paisagens, migração e entre outras"
E12	"Sim, porque aprendemos sobre economia, política, entre outras coisas"
E13	"Sim, para aprender a economia, a política, as classes sociais"
E14	"Sim. Porque com ela nós conseguimos aprender sobre o que há na Terra"
E15	"Sim, aborda assuntos interessantes, você aprende a formação da Terra, economia, migração"
E16	"Sim! Para termos conhecimento do planeta"
E17	"Sim, a geografia fala sobre quase tudo"
E18	"Sim, é muito importante falar sobre a política e muito mais"
E19	"Sim, aprender a formação da Terra"
E20	"Sim, formação da Terra, política"
E21	"Sim, porque conhecemos mais sobre o relevo."

Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

No Gráfico 3, os sujeitos estudantes serão representados por letras e posteriormente, a análise de seus discursos.

Gráfico 3: A importância do estudo de Geografia



Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

Assim, percebe-se a importância dada pelos estudantes codificados (E1, E4, E6, E10, E11, E15, E16, E17, E21); estudar geografia é aprofundar o conhecimento em vários ramos da ciência, ou seja, a Geografia da natureza e a Geografia humana. Os estudantes E3, E5, E7, E8, E9, E19 e E21 afirmaram ser relevante o estudo da Geografia porque vai aprender sobre a formação da Terra, as questões ambientais, enquanto os estudantes E12, E13, E18 e E20) atribuíram ser importante o conhecimento geográfico por conta dos saberes políticos e econômicos.

Analisada a importância dada pelos estudantes à Geografia no ensino, surge o interesse em analisar as relações de integração deles com o meio tecnológico, exclusivamente sobre o uso da internet e das redes sociais em busca de compreender as reflexões dada por eles sobre o conjunto tecnológico e a relação com a paisagem. Veja no Quadro 6 e no Gráfico 4 a pergunta sobre redes sociais e paisagem, o tipo de paisagem que mais chama a atenção dos estudantes entrevistados. Do total de 21 estudantes pesquisados, tem-se como resposta:

Quadro 6: Ao se conectar na rede de internet você gosta de apreciar diferentes paisagens e compartilhar nas redes sociais? Sim ou Não? Por quê?

(continua)

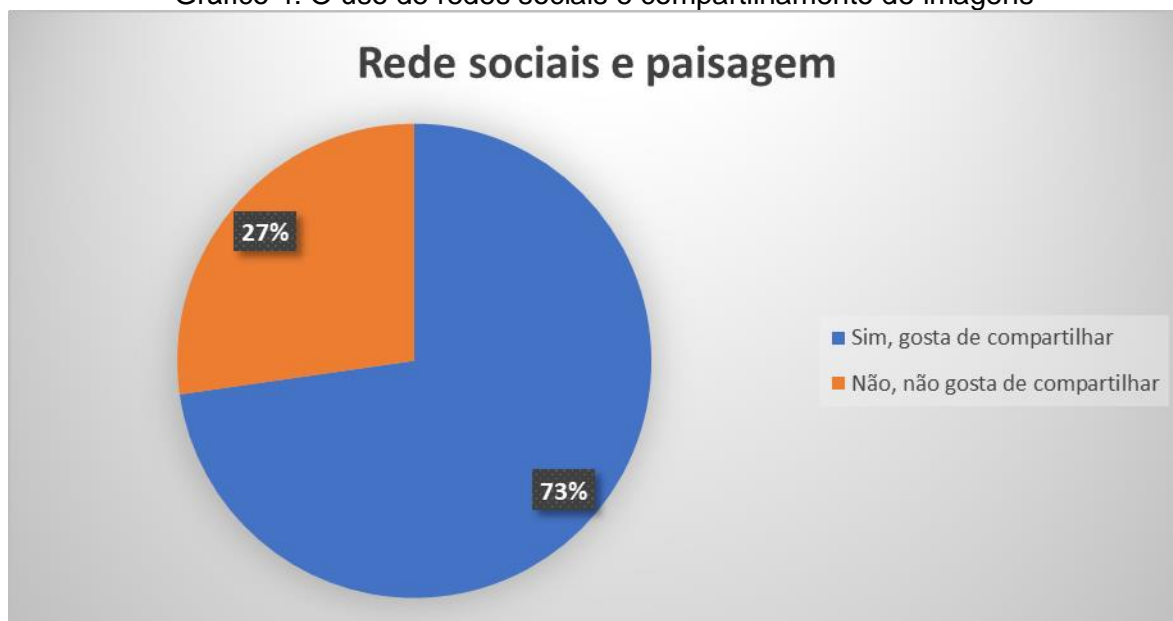
Estudantes	Respostas
E1	"Não, porque não gosto"
E2	"Sim. É muito interessante"
E3	"Sim. Gosto que meus amigos vejam a paisagem que eu vi também"
E4	"Sim. Porque tem paisagem que nos alimenta, ensina a ver Deus com outros olhos, a ter mais fé no Criador. Pois existem paisagens exuberantes, dignas de ser compartilhadas"
E5	"Não. Não curto muito as redes sociais, prefiro comunicar-me pessoalmente"
E6	"Sim, porque temos muitas paisagens interessantes e belas, principalmente a natureza"
E7	"Sim, porque lembrava paz e é maravilhosa, tem paisagem"
E8	"Sim. Causa alegria e desejo de compartilhar e saber que podemos causar também alegria ao nosso próximo"
E9	"Sim. Eu tenho comigo que paisagens que são bonitas têm de ser compartilhadas para que outras pessoas possam admirá-las"
E10	"Sim, gosto muito de paisagens de planta e árvore e coisas coloridas"
E11	"Sim. Gosto que as pessoas vejam o que acho bonito"
E12	"Sim. Porque ficamos antenados com todo o mundo"
E13	"Sim"
E14	"Sim. Porque nem tudo nós conhecemos, e compartilhando as pessoas também aprendem."
E15	"Não, porque as pessoas estão mais interessadas na vida dos outros do que olhar paisagem"
E16	"Sim! Por que é bonito apreciar a natureza"

(conclusão)

Estudantes	Respostas
E17	“Sim, porque não só eu vejo, mas todos que estão ao meu redor veem comigo”
E18	“Sim, porque eu gosto de mostrar às pessoas, ver isso tudo”
E19	“Porque não gosto”
E20	“Não, não gosto muito, não compartilho coisas.”
E21	“Não, porque não gosto.”

Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

Gráfico 4: O uso de redes sociais e compartilhamento de imagens



Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

Fazendo relação com o Quadro 1 (faixa etária e ocupação dos estudantes) e as respostas dos estudantes no Quadro 7 (o tipo de paisagem que mais o estudante aprecia) foi possível destacar que o público com maior afinidade nas redes sociais estão relacionados com a faixa etária entre 20 e 29 anos e, conseqüentemente, gosta de compartilhar, seja pelo fato do interesse estar em alcançar os colegas da rede social, seja por visualizar a imagem pelo fato de simplesmente a paisagem ser bela.

Buscou-se ainda identificar o que mais chamava a atenção na paisagem para os estudantes, identificar aspectos relativos à paisagem no que se refere à percepção das paisagens que são agradáveis, que têm algum sentimento para cada sujeito estudante. No fim da entrevista, perguntou-se sobre o que chama mais atenção na paisagem (Quadro 7). “Qual o tipo de paisagem que chama mais sua atenção? Como resposta:

Quadro 7: Qual o tipo de paisagem que chama mais sua atenção?

Estudantes	Respostas
E1	"A natureza"
E2	"Pôr do sol e o mar"
E3	"A paisagem dos rios"
E4	"Paisagens de aves em verdes pastos, animais no campo correndo livre e comendo capim à beira do lago"
E5	"As vegetações, amo a natureza"
E6	"De flores, porque nos referimos à natureza"
E7	"As rosas, o mar"
E8	"São diversas mas a que me chama mais atenção é a beleza das árvores e praias, dunas naturais"
E9	"Paisagens de reservas florestais, cachoeiras, praias"
E10	"Planta, flores, coisas coloridas e chamativas que despertam os meus pensamentos e me deixam atraída pela natureza e montanha"
E11	"O lugar onde moro porque, além das suas dificuldades, tem seu lado bom"
E12	"O pôr do sol."
E13	"A natureza, o sítio"
E14	"Quando paro e medito sobre o que existe na Terra"
E15	"O pôr do sol"
E16	"Lugares com natureza"
E17	"Cachoeira"
E18	"O mar, as montanhas, as florestas e muito mais"
E19	"Mar"
E20	"Ilhas, praias"
E21	"Os relevos."

Fonte: Dados do questionário, elaboração própria, 2018.

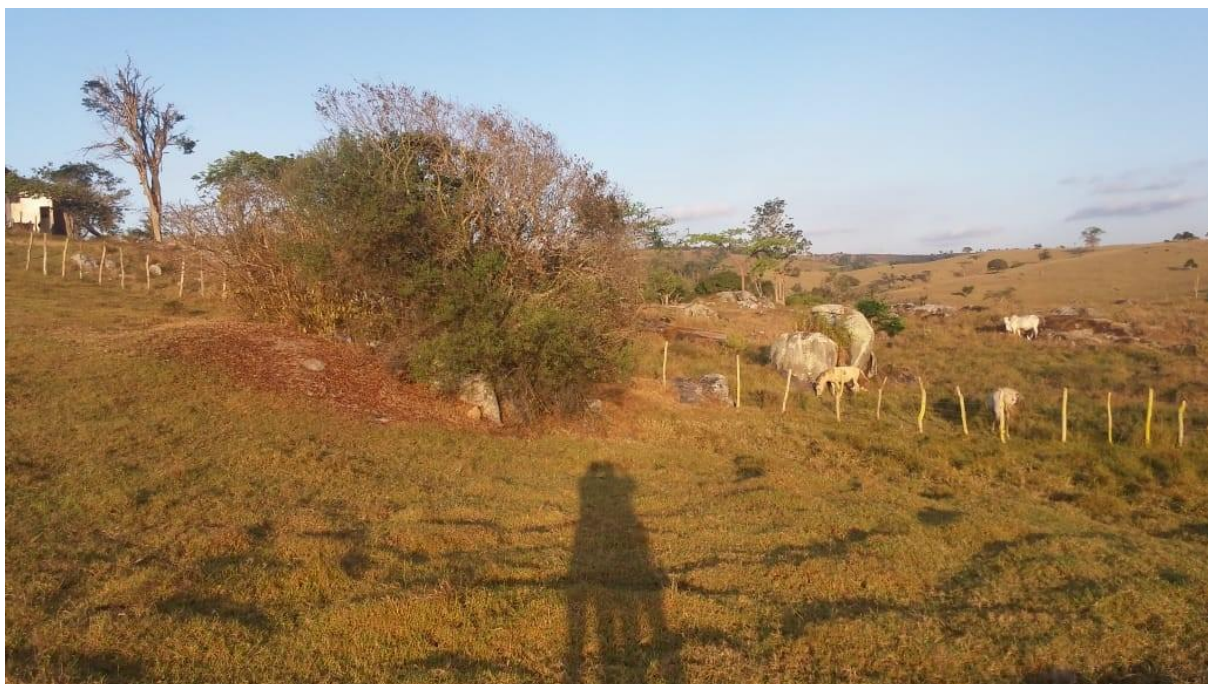
Na análise realizada, percebe-se o destaque da percepção dado pelos estudantes codificados (E1, E4, E5, E6, E10, E13, E16) de que a paisagem está associada à natureza em geral, formada pela vegetação, animais e lugares com presença do verde. Os estudantes E2, E3, E7, E8, E9, E12, E15, E17, E18, E19, E20 e E21 destacaram também a geografia da natureza, ou seja, a morfologia da paisagem correlacionada com o clima, rede hidrográfica, o pôr do sol e o mar que se repetiram com grande frequência.

Quanto aos aspectos humanísticos destacados nas paisagens que chamam a atenção, somente os estudantes E11 e E14 ressaltaram essa característica.

Com base na produção do conhecimento dos estudantes foi elaborada a atividade 2, **O fotógrafo é você!** O exercício de percepção foi elaborado com o objetivo de integrar as respostas obtidas no roteiro da entrevista e identificar de forma precisa as características dadas pelos estudantes sobre a paisagem. Então, solicitamos a cada um dos estudantes que tirassem uma fotografia de uma paisagem e explicasse o significado da paisagem a ele atribuído. Portanto, dos 21 estudantes envolvidos na pesquisa apenas 13 participaram da atividade.

A percepção de paisagem relacionada com a natureza foi constante e confirmaram-se os discursos dos estudantes pesquisadores-colaboradores, no momento em que os estudantes explicaram sobre a paisagem que fotografaram. Os estudantes, na maioria, ao apresentar seus significados em relação às paisagens representadas, associaram ao conceito da natureza e tudo que está exposto aos nossos olhos (Fotografias 3 a 14).

Fotografia 3: Parte da paisagem representada pelo estudante E4, sítio em Gravatá, PE



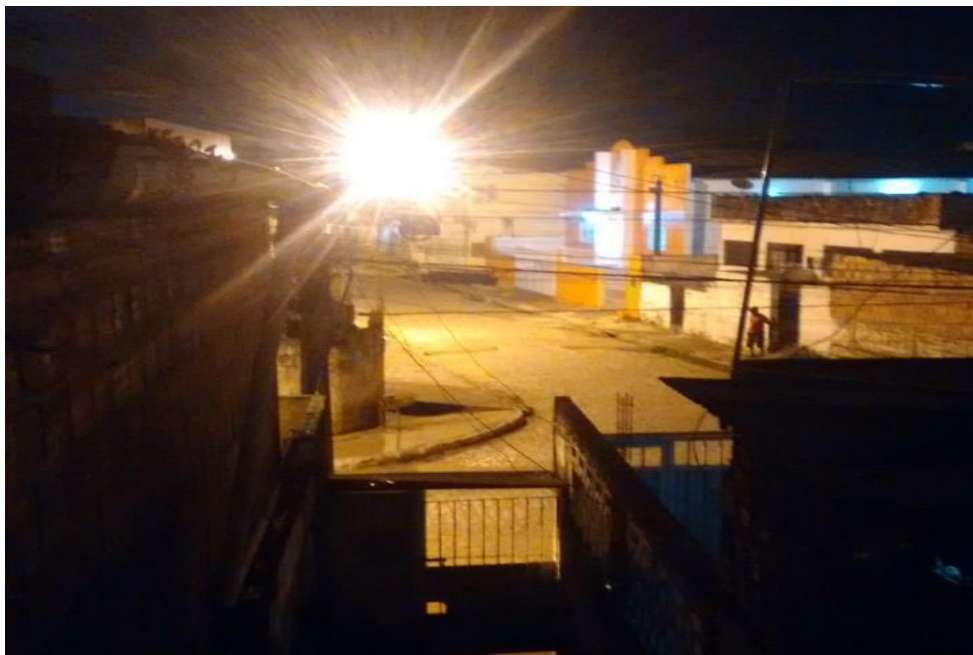
Fonte: C. J. em 2018.

E4 – Essa paisagem reflete uma imagem devastada pelo sol. Podemos contemplar o sofrimento das plantas e a seca dos rios. Paisagem visível e contemplada a olho nu no interior de Gravatá, PE.

Observa-se na percepção do estudante sobre a paisagem do Sítio em Gravatá ( Agreste Pernambuco) a ideia de fragilidade ambiental, sofrimento das espécies, pobreza, seca, rios intermitentes, pastos e animais. Geograficamente, trata-se de uma região de transição climática, vegetação xerofita, solos rasos propícios ao tipo climático, rios intermitentes que cortam o ambiente Semiárido e que esses elementos se integram num processo de adaptação climático que constituem a paisagem. O estudante na sua bagagem do imaginário apresenta um olhar determinista.



Fotografia 4: Parte da paisagem representada pelo estudante E5, Rua Garanhuns, Santo-Aleixo, Jaboatão dos Guararapes



Fonte: J. M. em 2018.

E5 – Essa paisagem recorda a minha infância onde eu nasci e fui criada. Essa rua traz muitas lembranças boas, Agradeço a Deus por essa oportunidade que ele mim concedeu.

Fotografia 5: Parte da paisagem representada pelo estudante E6, Colônia dos Padres, Santo-Aleixo



Fonte: P. F. em 2018.

E6 – Para mim, essa paisagem representa a natureza porque amo árvores, e onde elas estão, formam uma bela imagem.

Fotografia 6: Parte da paisagem representada pelo estudante E7, Santo-Aleixo



Fonte: M. J. em 2018.

E7 – Para mim, essa paisagem onde vejo a natureza, tudo isso que Deus deixou. Isso é uma coisa mais linda, porque tudo que Deus faz é lindo.

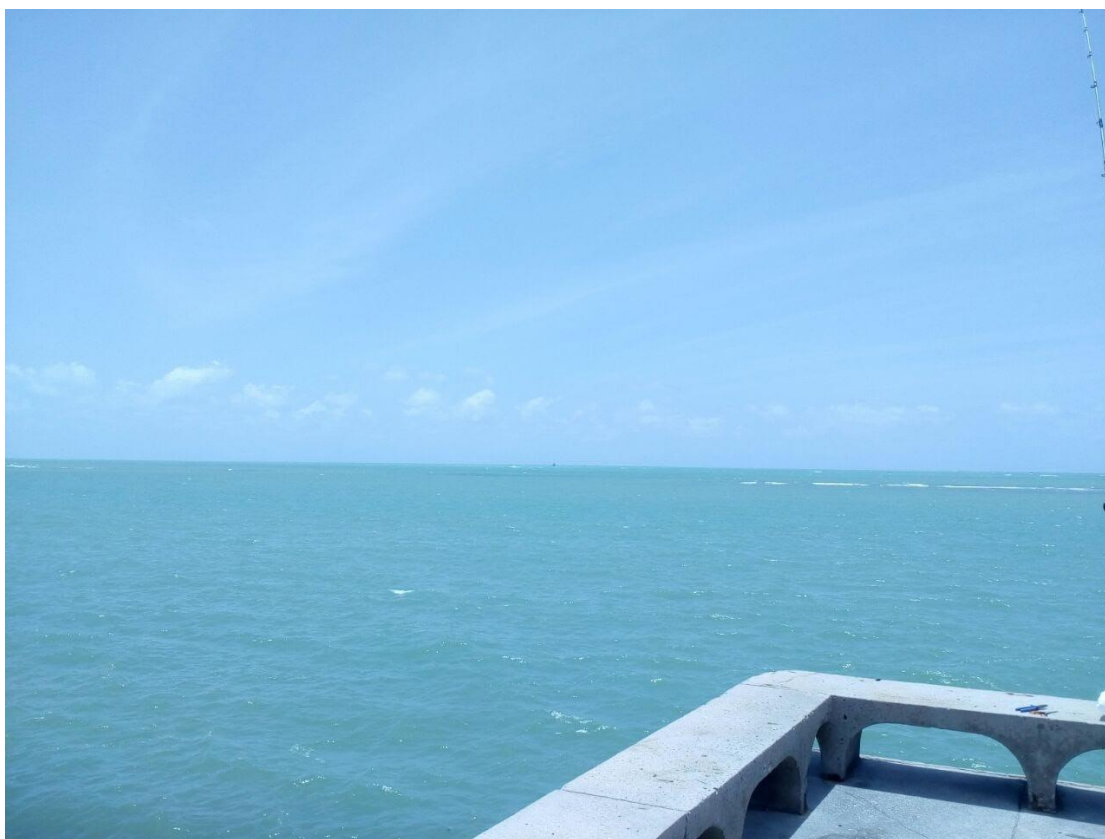
Fotografia 7: Parte da paisagem representada pelo estudante E8 em Recife, PE



Fonte: R. M. em 2018.

E8 – Essa foto, para mim, representa a paisagem, porque, existem dois tipos: aquela natural, feita pela mão de Deus, que são as árvores, toda a natureza, as praias, o oceano, e aí está a foto da praia, a foto de várias árvores, de que precisamos. Também existe a paisagem industrial, aquela feita pela mão do homem, como prédios, edifícios, casa, tudo que está na foto. Paisagem é isso aí. Paisagem é a importância que cada uma dessas fotos representa; a foto dos prédios, a necessidade de moradia, não só a necessidade de moradia, também a beleza que elas trazem para nossa cidade. Cada prédio desses lindo, saber que Deus deu inteligência ao homem para construir prédio de 20, 25 andares e até mais alto que isso. Também a beleza das árvores, a beleza de a gente olhar para o mar e saber que Deus é tão poderoso a ponto de construir algo tão belo pra gente. Existem paisagens que nos deixam de boca aberta, e uma delas, pra mim, é olhar a imensidão do mar. É lindo demais. Para mim, paisagem é isso.

Fotografia 8: Parte da paisagem representada pelo estudante E9, Pina-Recife



Fonte: J. V. em 2018.

E9 – Essa paisagem me faz recordar quando eu era mais novo e meu pai sempre me levava para pescar. É uma paisagem que me traz muita tranquilidade.



Fotografia 9: Parte da paisagem representada pelo estudante E10, Rua Colômbia, Santo Aleixo, Jaboatão dos Guararapes



Fonte: A. M. em 2018.

E10 – É tudo o que vemos no nosso dia a dia, como a praia, os verdes da mata, céu, montanha; enfim, tudo o que nós admiramos.



Fotografia 10: Parte da paisagem representada pelo estudante E11, Santo-Aleixo



Fonte: Y.A. em 2018.

E11 – Parte da paisagem é tudo aquilo que podemos alcançar com o nosso olhar.

Fotografia 11: Paisagem da área rural do Engenho Manassu em Santo Aleixo, Jaboatão dos Guararapes, aluno E13



Fonte: O. P. em 2018

Fotografia 12: Área rural do Engenho Manassu em Santo Aleixo, aluno E13



Fonte: O. P. em 2018

E13 – A paisagem natural é composta por objetos naturais como rios, árvores e montanha. Ela sempre vai ser uma herança, ou seja ,ela também vai fazer parte de nossa memória, sendo uma espécie de memória do passado.

Fotografia 13: Parte da paisagem representada pelo estudante E15, Santo-Aleixo



Fonte: A. M. em 2018.

E15 – Essa paisagem me faz lembrar do meu lar, da minha infância. Onde eu morava, tinha muitas árvores por perto. Quanto Deus nos ama, porque deixou tantas coisas belas para nos alegrar.

Fotografia 14: Parte da paisagem representada pelo estudante E19, Engenho Manassu, Santo-Aleixo



Fonte: M. A. em 2018.

E19 – Para mim, essa paisagem, onde vejo a natureza, tudo isso que Deus deixou.

Decodificar os significados das paisagens no ensino de Geografia é, efetivamente, a tarefa do professor geógrafo, atividade que vai além do estudo das formas, que permite ao professor estender o estudo da paisagem além das fronteiras da sala de aula incentivando um estudo em que os sujeitos estudantes possam exteriorizar seus conceitos, via das áreas rurais, urbanas, do processo de ocupação populacional e a relação às suas memórias.

O fato de cada estudante compreender que a geografia fornece leituras sobre a paisagem é suficiente para estabelecer e validar seus saberes na produção do conhecimento. As percepções explanadas por eles são encontradas, portanto, nas qualidades da geografia da natureza e fatos da cultura humana.

A discussão valiosa sobre seus discursos é que o ensino de Geografia pautado no conceito de paisagem deve valer-se de planejamento, estratégias didáticas no sentido de promover um ensino dinâmico desse conceito. Ao analisar os significados dos estudantes sobre as paisagens, percebe-se que, na bagagem de seus conhecimentos, os elementos naturais ainda são as marcas das paisagens. Cosgrove (1998), em seu trabalho, chama a atenção sobre os significados serem edificadas pelas gerações em conjunturas diferentes, dessa maneira devemos olhar a paisagem nas lentes de um estudo dinâmico.

Verifica-se que, no estudo da paisagem com os estudantes da EJA, o mundo físico foi muito referenciado com ênfase nos elementos, árvore, mar, rios, clima. É preciso instigar os estudantes para estudo mais integrado entre a geografia da natureza e a geografia humana, e as distintas intencionalidades em momentos históricos que resultaram nas transformações das paisagens e, assim, saber identificar outros significados que a paisagem explicita e muitas vezes o observador não consegue compreender.

Reafirmamos: “Todas as paisagens são simbólicas” (COSGROVE, 1998, p. 106). O lugar como Sítio de Gravatá, com fisionomia de transição, o traçado das ruas, infância, o criacionismo, a cidade, os edifícios, as relações de afetividade na infância com o lugar em um determinado momento histórico são os significados atribuídos por esses colaboradores-pesquisadores.

Finalmente, ensinar Geografia, em especial nas turmas da EJA, exige uma mudança de postura do professor, linguagem diferenciada e olhares críticos reflexivos para obter os resultados significativos do ensino, embasada em uma geografia ativa, que esteja relacionada na vida dos estudantes.

Em um terceiro momento, construímos uma oficina de ensino sobre a paisagem para que os estudantes de olhos vedados pudessem perceber, por meio dos sentidos, o que os professores estivessem narrando sobre determinado ambiente. O tempo dedicado à atividade foi previsto suficiente para que os sujeitos realizassem a descrição da paisagem em tempo didático em torno de 10 minutos para cada fotografia.

A aula de Geografia dedicada à paisagem, anteriormente à atividade, foi o ponto culminante deste estudo e permitiu maior diálogo acerca do tema. A metodologia da atividade tinha como característica vedar os olhos dos estudantes para que houvesse alcance da percepção pelos sentidos. Ao expor a atividade, todos ficaram curiosos, e a expressão do sorriso foi inevitável, com características de interesse na atividade. Participaram da oficina o total de 13 estudantes.

Em seguida, explicamos a atividade aos estudantes: 1- Vocês devem formar uma percepção de paisagem segundo a narração descrita pelos professores. 2- Você vai ouvir o que vamos descrever da paisagem e, em seguida, cada um vai apresentar oralmente o que percebeu sobre a paisagem; posteriormente, vocês vão registrar e, assim que todos terminarem o registro, vão ter o contato visual delas, tendo sua participação como ouvinte e realização da atividade de forma individual.

Foram selecionadas três fotografias para o desenvolvimento da atividade pedagógica. As paisagens selecionadas foram a praça do centro da cidade de Jaboatão, a estação e a escola no bairro de Santo-Aleixo, que é próxima à escola Henriqueta de Oliveira (Fotografias 15, 16 e 17 respectivamente).



Fotografia 15: Praça do Rosário, Jaboatão dos Guararapes, PE



Fonte: Jonny Pádua Gomes, 2018.

Fotografia 16: Estação do Metrô Jaboatão, Jaboatão dos Guararapes, PE



Fonte: Jonny Pádua Gomes, 2018.

Fotografia 17: Escola Municipal José Carneiro, Santo-Aleixo, Jaboatão dos Guararapes



Fonte: Milton Henrique, 2017.

A paisagem não fica restrita ao visível uma vez que encaminha a questionar e perceber a inserção dos fenômenos em um local cheio de pensamentos compostos por intuições. Essa percepção de paisagem é muito próxima das concepções de Merleau-Ponty que expressa:

É preciso aproximar-se mais diretamente dessa intencionalidade, examinando a noção simétrica de uma forma da percepção e, particularmente, a noção de espaço [...] O espaço não é ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 327-328).

Com base no que foi exposto, seguiremos com as respostas dos estudantes referentes as percepções das paisagens trabalhadas nesta atividade de oficina, conforme os Quadros 8, 9 e 10.

No Quadro 8, as respostas obtidas em continuidade à atividade. Entre as observações feitas em sala de aula, descritas com base na Fotografia 15: É uma área que tem por finalidade o uso público, podendo ser usada como estacionamento. Está localizada num ponto estratégico e em seu entorno



encontram-se elementos variados, exemplo de lotéricas, instituições de educação, enfim, o comércio em geral.

Quadro 8: Percepções da paisagem pelos estudantes sobre a Fotografia 15

Estudantes	Respostas
E1	“O lugar que ele falou é junto da Praça do Rosário, é um estacionamento, é um ambiente público, para todos”
E2	“Um estacionamento em Jaboatão”
E4	(Não respondeu)
E5	“O local fica perto de uma praça, é um estacionamento, é descoberto, tem carro, fica perto de um supermercado, e do outro lado tem uma escola”
E6	“Estacionamento”
E7	“É uma área que não tem casa, mas tem comércio e tem muito carro”
E8	“Um estacionamento”
E9	“O local citado me remete a um espaço onde tem uma pista de corrida com local para estacionar os carros, muitas pessoas se encontram para fazer caminhada e se preferir podem fazer compras, pagar contas”
E11	“O lugar, faça sol, faça chuva, tem pessoas, passa carros, pode ser quadra”
E12	“Pelo que você falou, parece que é uma quadra de jogos”
E14	“O local não tem telhado, o ambiente é muito quente; à noite, faz muito frio ao redor e barulho muito grande de pessoas no shopping. Trata-se de um ginásio”
E18	“Uma quadra tem muitas pessoas”
E21	“Paisagem de um jardim onde existem lindas flores perfumadas, plantas.”

Fonte: Elaboração própria, 2018.

O lugar trata-se, pois, da Praça do Rosário, em Jaboatão dos Guararapes, situada na Avenida Barão de Lucena e é símbolo do centro da cidade, onde se concentram as atividades terciárias públicas e privadas com objetos como supermercados, casas lotéricas, centrais de banco, escola, Shopping Yapoatan Center, entre outros. Na parte oposta à praça, tem-se ao ginásio de Jaboatão, que, assim como alguns dos elementos anteriormente citados, foi percebido na fala de alguns estudantes como parte idealizada da paisagem.

No Quadro 9, as respostas obtidas em continuidade à atividade. Entre as observações feitas em sala de aula, descritas com base na Fotografia 17: a imagem é composta por um órgão público, localizado em uma rua calçada e com uma árvore em frente da escola. Na mesma rua da escola, há um cruzamento e no fim da estrada, uma ponte. Às vezes, quando chove, a água transborda e acaba por inundar a rua.

Quadro 9: Percepções da paisagem criada pelos estudantes sobre a Fotografia 2

Estudantes	Respostas
E1	"A escola tem uma árvore e um cruzamento, é pública, é a Escola José Carneiro que sempre alaga"
E2	"A escola estava alagada. No lado da escola tem um cruzamento e mais para lá tem uma ponte"
E4	"Pela informação dada, eu conheço um local que é muito movimentado, pois abaixo tem um posto de saúde. Esse local é a Escola José Carneiro"
E5	"O local é uma escola. A rua está alagada e tem um cruzamento na frente. Tem uma árvore, do outro lado tem uma ponte"
E6	"Colégio José Carneiro, fica na Rua Chile. É bastante movimentado"
E7	"Lugar que eu imagino um rio ou um canal"
E8	"Um rio perto da escola"
E9	"O local citado é uma escola onde no dia estava difícil transitar pelas ruas"
E11	"O lugar é uma escola que estava alagada e tinha a rua calçada e uma árvore em frente"
E12	"O lugar que você falou parece muito com o Colégio José Carneiro, porque tem uma árvore na frente, também o cruzamento e a ponte"
E14	"O local que se está falando é o José Carneiro, porque quando chove alaga a rua e a calçada"
E18	"É uma escola; quando chove, ela alaga, e as pessoas não podem entrar nela nem sair"
E21	"A Escola José Carneiro."

Fonte: Elaboração própria, 2018.

No Quadro 10, as respostas obtidas em continuidade à atividade. Entre as observações feitas em sala de aula, descritas com base na Fotografia 16: A paisagem a ser formada deve levar em consideração um ambiente com bilheteria, multidão e transporte coletivo uma das características do local é o odor de fumaça.

Quadro 10: Percepções da paisagem por meio dos sentidos

Estudantes	Respostas
E1	"Um lugar movimentado, estação que tem vários transportes, é público"
E2	"Uma estação em Jaboatão no centro"
E4	"Neste local, há sempre multidão, pois é necessário circular milhares de pessoas todos os dias; apesar de tanto descaso, precisamos trafegar por lá, Estação Jaboatão"
E5	"Metrô tem multidão, tem rampa, tem bilheteria"
E6	"Estação do Metrô, com bastante gente circulando, fica em Jaboatão"
E7	"É um hospital, escola, igreja, comércio"
E8	"Estação de Jaboatão"
E9	"O local citado me remete a um lugar muito movimentado e muitas pessoas que estão indo ao trabalho"
E11	"Tem bilheteria, tem multidão, correria; só pode ser a estação de Jaboatão"
E12	"Pelo que entendi, você descreveu o metrô, a estação de Jaboatão"
E14	"Terminal do Metrô de Jaboatão"
E18	"Estação do Metrô de Jaboatão"
E21	"Estação do Metrô."

Fonte: Elaboração própria, 2018.

A paisagem não é compreendida somente pelo olhar, mas por pensamentos, sentimentos, odor, lembranças, portanto, a sociedade cria, transforma a paisagem segundo seus interesses e, conseqüentemente, as gerações deixam na paisagem uma marca. A geografia é “um reflexo da tentativa de restituir ao ser humano a possibilidade de apreender na percepção das coisas a ordem geral do mundo” (BESSE, 2011, p. 139).

Ao concluirmos essa etapa de oficinas com os estudantes, convidamos o professor de Geografia para uma entrevista que tematizou sobre a formação, o ensino de Geografia e a paisagem. O professor se enquadrou na qualidade de professor-colaborador da pesquisa e produziu conhecimento e reflexão relevante para entendermos sobre a complexidade do ensino.

No que se refere à organização das informações e ao tratamento dos dados empíricos, utilizamos como referência a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin:

Conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Discorremos com o entrevistado professor apresentando as perguntas e respostas do entrevistado. As categorias listadas na entrevista do professor:

- a) paisagem;
- b) ensino de Geografia;
- c) percepção.

Pergunta 1: Qual a sua percepção a respeito do estudo da paisagem na formação dos estudantes do curso da EJA nas aulas de Geografia?

Fazê-los perceber o quanto a paisagem vem sendo modificada pelo homem ao longo dos anos é de extrema importância, por isso é papel primordial do professor fazer o elo entre estudante e a definição correta do que vem a ser paisagem e como pode ser alterada.

O professor atribuiu a relevância do estudo da paisagem pelo fato de sua modificação feita pelo homem e, sobretudo, o papel do professor em contextualizar a paisagem pautada em uma definição correta do que vem a ser paisagem. Surge no discurso uma racionalidade instrumental ao afirmar a definição correta de paisagem que se deve ensinar que todas as definições são percepções e interesses sociais de uma época.

Pergunta 2: Na condição de professor ministrando o conhecimento geográfico, o senhor contempla na construção do planejamento o estudo da paisagem? Sim ou Não? Por quê?

Sim, claro, primeiramente o planejamento é primordial para o trabalho do professor, e no que diz respeito ao estudo da paisagem, fazer um plano de aula adequado à realidade da EJA é extremamente importante. O professor deve levar em consideração vários aspectos, tais como clima, relevo, vegetação e hidrografia de cada região e atrelar a tais fatores um estudo adequado sobre paisagem.

O professor reconhece a importância do estudo da paisagem em seus distintos aspectos, mas fica evidente uma forte relação do estudo da paisagem com os objetos preestabelecidos e relacionados com os elementos da natureza. Observa-se a intencionalidade de mudança de postura de ensinar e, conseqüentemente, a construção de saberes. O professor afinal tem um saber plural (TARDIF, 2002).

Pergunta 3: Quais os procedimentos de ensino que você utiliza para edificar o aprendizado dos estudantes em sala de aula? Os resultados propostos são sempre alcançados? Por quê?

A lista de opções é bem variada. Desde que utilizada uma prática pedagógica correta, podemos fazer uso de vídeos, jornais, revistas, globo terrestre, o próprio livro didático; e na medida do possível, sim, os resultados são alcançados.

O professor, quando interrogado sobre os procedimentos metodológicos das aulas de Geografia, justificou ter uma variedade de recursos didáticos para inserir a geografia como estudo ativo. Ficou evidente que outras racionalidades surgem no exercício docente em sala de aula e as identidades e saberes de acordo com a complexidade do ensino modifica a percepção e ressignifica a prática docente.

Carvalho (2007) atenta para um longo período; a racionalidade pedagógica que atravessou a prática na constituição docente foi a clássica e teve como pensamento (e talvez ainda tenha) que o ensino é o exercício de transposição e reprodução de ideias. Mediante esses fatores e outros que surgem na docência o discurso do professor vai apontando vários olhares e práticas.

Pergunta 4: Como você estudou a paisagem na sua formação acadêmica?

Principalmente por meio de viagens e aulas de campo bem elaboradas e direcionadas com base em estratégias pedagógicas ligadas a um contexto estritamente educacional.

Percebe-se aqui o direcionamento da aula de campo como fonte principal de análise da paisagem e o ensino, de forma geral, somado à atividade. Cabe então a discussão de que a aula de campo é um importante elemento e necessário na formação do professor de Geografia (BRAGA, 2016). Formar um profissional que não conheceu a fundo as características que a paisagem tem é um tanto arriscado, pois o ensino por si tem como fundamentação as visões de mundo criada pelos sujeitos e pela análise que cada um faz do espaço vivido, carregado de elementos que o formam como tal.

Dada a importância do professor por sua formação, buscou-se identificar o que para ele poderia ser um desafio no ensino de Geografia e quais habilidades se tornavam necessárias para o ensino em turmas do EJA. Como quinta pergunta da entrevista:

Pergunta 5: Em sua opinião, qual o papel do professor de Geografia na atualidade? E quais as habilidades o professor que ensina geografia no EJA deve desenvolver para promover à formação cidadã?

O professor de Geografia tem a incumbência de orientar acerca da leitura geográfica do espaço. Desse modo ele deve interferir na reflexão da construção do conhecimento. A realização de uma reflexão dialogada permite que o aluno crie o conceito de território e simultaneamente consiga considerar os elementos culturais que estão presentes no dia a dia.

Destaca-se, portanto, a importância do professor como mediador do conhecimento, orientando e criando condições para promover um ensino crítico-reflexivo, que, nesse caso, o professor deu ao conceito de território; com a tarefa de

identificar os elementos culturais que este tem e como consequência disso, promover a formação cidadã nas vivências cotidianas.

Nesse sentido, entre tantas possibilidades do desenvolvimento da educação e das metodologias de ensino, houve o interesse em identificar as dificuldades enfrentadas pelo professor:

Pergunta 6: Quais são os principais desafios enfrentados pelo professor no processo ensino-aprendizagem com os estudantes?

Recebendo, em geral, um baixo salário, somado à desvalorização da carreira, os professores procuram por estratégias que visam a manter a qualidade de vida. Assim, muitos preferem aumentar seus turnos de trabalho ou assumir funções extras, como coordenação e outros cargos administrativos, o que leva a uma maior dificuldade do professor em conciliar suas atividades pessoais e profissionais, influenciando negativamente o cotidiano da sala de aula.

Assim, a principal dificuldade da profissão, para o professor, está ligada à falta de um bom salário e maior valorização da carreira, que, somados também à falta de subsídios que auxiliem na aula, além das limitações que existem dentro de qualquer escola, o professor não tem autonomia para trabalhar da forma que ele queira em sala de aula. Como forma de amenizar o pouco salário e atribuir a falta de prazer na tarefa de ensinar, outras atividades são inseridas como meios de compensação, promovendo uma possível lógica em realizar a atividade em função de alcançar os desafios e por acrescentar um maior salário.

Por fim, os resultados das entrevistas e questionário promoveram a produção do conhecimento em caráter dialogado, crítico, dinâmico, e tais conhecimentos de natureza geográfica e conhecimentos pedagógicos de forma coesa trouxeram resultados significativos sobre o tema da pesquisa com preocupações e propostas de futuros trabalhos. Seguiremos com as considerações finais que podem ser o ponto de partida para novas pesquisas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação que desenvolvemos teve o propósito de analisar as percepções de estudantes da EJA sobre o conceito de paisagem e seus significados e a sistematização e produção das atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula no ensino de Geografia. Todos os objetivos foram contemplados.

Quanto aos objetivos específicos, foram construídos três: o primeiro foi o registro e observação das atividades de ensino no ambiente da sala de aula. As observações promoveram no decorrer das vivências de estágio mudanças de percepção a respeito de ser o profissional professor e conviver com tantas incertezas.

No momento de concretização das práticas pedagógicas, verificamos os diferentes papéis que o professor desenvolve no processo de ensino-aprendizagem, o que se torna um grande desafio para o exercício na formação docente inicial. O ambiente de sala de aula é conflitante por ser muito heterogêneo, o que exige do professor postura, domínio do conhecimento específico e boas relações de convivência com o grupo.

Os registros também apontaram nos discursos que a geografia é importante, mas, no momento da sala de aula, observamos comportamentos de desinteresse em aprender os conteúdos, a disciplina não atrai e o livro didático é pouco usado. Os conteúdos são expostos no quadro e oralmente.

O segundo momento, desenvolvimento de oficinas de ensino sobre paisagem, embora aceito por todos os colaboradores da pesquisa, apresentou uma trajetória de mudanças em razão dos recursos tecnológicos não disponíveis entre eles, rede de internet na escola, a relação de alguns estudantes com as novas tecnologias em um patamar tímido, o que gerou preocupação no produzir do saber fazer inovador no ensino. A escola precisa criar mecanismos para a acessibilidade dos estudantes e professores para um ensino que acompanhe as demandas da sociedade atual com o uso de novas tecnologias.

Terceiro, os estudantes afirmaram que o estudo da paisagem é importante na formação cidadã, porém os resultados obtidos por meio das contribuições dos sujeitos estudantes sobre percepção da paisagem e seus significados subordinam-se a modelos de aprendizagem instruídos e ensinados pelos professores ao longo de sua formação. Nesse caso, evidenciaram-se as dificuldades dos estudantes

perceber as multirrelações existentes nas distintas espacialidades e a dinâmica da paisagem no momento em que estão expressando suas ideias.

Ao concluirmos este TCC, percebemos que existe, por parte do professor responsável, a preocupação não apenas em cumprir as diretrizes, mas pela formação dos estudantes em caráter lúdico, crítico. A relação de uma reflexão dialogada foi apontada pelo docente, e tal procedimento permite que o estudante crie os conceitos estruturantes da geografia.

Quanto à percepção do professor no que diz respeito ao trabalhador docente, está no baixo salário e na representação social do ser professor. Ele afirmou que muitos profissionais do ensino têm procurado assumir outras funções, como coordenação, cargos administrativos e o maior desafio de conciliar tais atividades com o cotidiano da sala de aula. Com a troca de experiências com o professor, ficou nítido que a educação carece de uma reestruturação de maneira significativa nos aspectos sociais, econômicos e educacionais.

Nesse sentido, a investigação indicou que o estudo da paisagem está embasado no discurso tradicional do ensino. Daí ela estabelecer uma compreensão com os aspectos relacionados com a necessidade de perceber novas maneiras de estudar e olhar a paisagem e assim, ser um estudante ativo e, feito isso, assume-se uma percepção nova que enfatiza o pensar sobre a maneira dos estudantes serem envolvidos nas práticas educativas propostas pelos professores. Há convencimento de que tais procedimentos didáticos vividos e estudados em sala de aula e por meio das oficinas foi uma motivação do ensino e aprendizagem em geografia dos estudantes envolvidos.

No decorrer do trabalho, preocupações foram emergindo como a construção das oficinas de ensino que exigem um tempo didático maior para o planejamento, execução e contemplação da carga horária para concretização das atividades. Na maioria das vezes, o professor com sua carga horária exaustiva e uma carga horária reduzida, inviabiliza uma atividade que fomenta o desenvolvimento de habilidades e competências para o desenvolvimento integral do estudante cidadão.

Inovar estratégias de ensino para que os estudantes no decorrer das aulas de Geografia façam suas descobertas e construam ideias: eis um desafio. A bagagem que os estudantes têm da Geografia é de uma disciplina enfadonha, de memorização. Vejo nessa situação um desafio enorme, porque os estudantes da



modalidade de ensino da EJA têm um tempo didático reduzido e muitos necessitam de um tempo maior para realizar suas reflexões.

Outra inquietação está em ensinar a Geografia, a paisagem ou outros conteúdos da ciência em foco que em uma turma noturna e de trabalhadores possa ser realizado um trabalho pedagógico interessante para os estudantes. As atividades das oficinas desenvolvidas na escola campo de estágio com o propósito de aprofundar os saberes aproximaram professores e estudantes e aguçaram o campo para o estudo do espaço.

Dessa maneira, realizar atividades no ensino que provoquem mudanças de postura entre professores e estudantes, seja em sala de aula, seja na produção de recursos didáticos conduzidos pelos avanços tecnológicos, que integrem os conceitos da geografia no modo de vida da sociedade, é um grande desafio para o entendimento nas relações de convivência.

Após o uso de fotografias como técnicas da pesquisa, surge como proposta o interesse de construção de um aplicativo que faça diálogo com as atividades vivenciadas nas oficinas nas turmas da EJA com o intuito de motivar professores e estudantes como também equacionar o tempo didático e maior produtividade de saberes. O ensino é plural, são perceptíveis as mudanças. É necessário, então, desprender-se de antigos métodos de ensino que reproduzem uma geografia tradicional, desconexa da realidade, e sim ter em mente que o ensino tem papel libertador.

Ao concretizar este trabalho de Conclusão de Curso, constatamos que os problemas investigados foram respondidos. Os resultados apontam o despertar de novas caminhadas pedagógicas que oportunizam do TCC para novos conhecimentos. Dentre essas preocupações apresentadas no decorrer deste trabalho, enfatizamos discussões sobre o ensino na educação básica, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos e o uso de recursos tecnológicos nas atividades de ensino no cotidiano das práticas dos professores e estudantes.

Aprofundar os estudos acerca da paisagem e seus significados na atualidade é edificar trajetórias teóricas para se embasar a formação docente por meio das percepções e aulas de campo no estudo da paisagem e as influências que estão sustentando os novos significados presentes na Geografia. Por último, motivar-se a conhecer e aprender novos caminhos no campo da Geografia e, assim, possibilitar a formação do professor-geógrafo-pesquisador.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência: a partir da obra de Eric Dardel. *In*: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-139.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. (Clássicos da Ciência).
- BRAGA, Clézia Aquino de. **A percepção dos professores do IFPE na contribuição do ensino da geografia**: a aula de campo como mediação pedagógica. 2016. 144f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, CFCH, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27.834-27.841.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB n.º 492, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 jul. 2001, Seção 1, p. 50.
- BRASIL. Resolução n.º 3, de 15 de junho de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jun. 2010, Seção 1, p. 66.
- BURIOLLA, Marta Alice Feiten. **O estágio supervisionado**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CALLAI, Copetti Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 71-114.
- CARR, Wilfred. **Una teoria para la educación**: hacia una investigación crítica. Madrid: Morata, 1995.
- CARVALHO, Antonia Dalva França. **A racionalidade da ação dos formadores de professores**: um estudo sobre a epistemologia da prática docente nos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Piauí. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Ideias em Ação, 4).

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de Geografia. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207, maio-ago. 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. 3. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COSGROVE, Denis E. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

COSGROVE, Denis E.; DOMOSH, Mona. Author and authority: writing the new cultural geography. *In*: DUNCAN, James S.; LEY, David. (Ed.). **Place/culture/representation**. London; New York: Routledge, 1993. p. 25-38.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1982.

DEL RIO, Vicente. Cidade da mente, cidade real, percepção e revitalização da área portuária do Rio de Janeiro. *In*: \_\_\_\_; OLIVEIRA, Livia. (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel/ Ed. UFSCAR, 1996. p. 3-22.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto Editora, 1997.

GOMES, Marineide de Oliveira; LIMA, Maria do Socorro Lucena. Redimensionando o papel dos profissionais da educação: algumas considerações. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GOMES, Paulo César da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. p. 129-150.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Saberes docentes e identidade profissional**: um estudo a partir da Licenciatura. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

HOEFLE, Scott William. Cultura na história do pensamento científico. **Revista de Pós-Graduação em Geografia**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 6-29, 1998.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 149-168.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimento. Brasília: Líber Livros, 2008. Série Pesquisa, v. 17).

IFPE. *Campus Recife*. **Projeto político-pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia**. Recife, 2011.

JANSON, Horst Woldemar. **História da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes; BEIRAL, Hellen Jannisy Vieira; FERRARI, Gláucia Maria. As políticas de educação de jovens e adultos na atualidade como desdobramento da Constituição e da LDB. **Poiésis**, Tubarão, v. 11, n. 19, p. 40-57, jan./jun. 2017.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. Série Formação do Professor).

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **A formação contínua do professor nos caminhos e descaminhos do desenvolvimento profissional**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 163-168, dez. 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 15-34.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiésis**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005-2006.

PONTUSCHKA, Nacib Nidia (Org.). **Ousadia do diálogo**. São Paulo: Loyola, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2002. (Coleção Milton Santos, 1).

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura 1925**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. *In*: NÓVOA, Antônio (Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

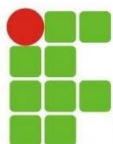
THERRIEN, Jacques. Socialização docente e educação: percursos do processo de emancipação. *In*: SILVA, Aida Maria Monteiro. Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos. ENDIPE, 13., 2006, Recife. **Anais [...]** Recife, 2006. p. 297-310.

VALE, Daniel Verçosa; SOUZA, Deivid Roque de; BRAGA, Clézia Aquino de. O estudo da paisagem e seus significados para a população Ribeirinha da bacia do Pina na vizinhança do Shopping Rio Mar: contribuições do Pibid (IFPE-Recife). *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 4., 2017, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa, 2017.

VITTE, Antonio Carlos. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 71-78, 2007.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## Apêndice A – Estrutura etária e profissão dos estudantes da EJA



**A Percepção dos Estudantes do Curso do EJA, na Escola Estadual Henriqueta de Oliveira, sobre o Conceito de Paisagem:** vivências em campo de estágio no ensino de Geografia.

**Jonny Pádua Gomes**

### QUESTIONÁRIO

Caro(a) estudante

Prezado(a) colaborador(a), como informei anteriormente em conversa, estou realizando uma pesquisa entre estudantes do ensino médio na modalidade EJA e suas percepções a respeito do conceito de paisagem são relevantes pois, é parte de meu trabalho de conclusão do curso em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE *Campus Recife*.

Nesse sentido, a sua participação é de suma importância, pois com sua experiência estudantil e de vida certamente poderá colaborar neste estudo.

Em se tratando de um trabalho científico, é indispensável que as respostas sejam as mais fidedignas possíveis, não havendo, porém, necessidade de identificação.

Agradeço, desde já, a sua atenção e a sua generosa disposição em colaborar, sem os quais dificultaria este estudo.

Agradecemos antecipadamente.

---

### 1. Identificação

1.1 Nome completo:

---

1.3 Profissão/ocupação:

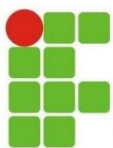
---

Espaço se desejar declarar alguma coisa referente à ocupação profissional (optativo).

1.4 Faixa etária dos entrevistados

- ( ) Entre 15 e 19 anos.      ( ) Entre 20 e 29 anos.  
( ) Entre 30 e 39 anos.      ( ) Entre 40 e 49 anos.  
( ) Acima de 50 anos

## Apêndice B – Roteiro de entrevista com estudantes



### A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no Ensino de Geografia

**Jonny Pádua Gomes**

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Caro(a) estudante

Prezado(a) colaborador(a), como informei anteriormente em conversa, estou realizando uma pesquisa entre estudantes do ensino médio na modalidade EJA e suas percepções a respeito do conceito de paisagem são relevantes pois, é parte de meu trabalho de conclusão do curso em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE *Campus* Recife.

Nesse sentido, a sua participação é de suma importância, pois com sua experiência estudantil e de vida certamente poderá colaborar neste estudo.

Em se tratando de um trabalho científico, é indispensável que as respostas sejam as mais fidedignas possíveis, não havendo, porém, necessidade de identificação.

Agradeço, desde já, a sua atenção e a sua generosa disposição em colaborar, sem os quais dificultaria este estudo.

Agradecemos antecipadamente,

\_\_\_\_\_.

#### O Estudante e a Inserção dos Saberes e Investigação numa Formação cidadã

- ❖ A identificação para manter no anonimato, utilizamos o código da pesquisa letras e números. Exemplo: (E1).

1. O que é paisagem na sua percepção?

---



---



---



---



2. Nos anos finais do ensino fundamental você estudou sobre as paisagens da Terra?

---

---

---

3. Como estudante, por quais motivos o estudo da paisagem é interessante nas aulas de Geografia?

---

---

---

---

4. Na sua opinião, a Geografia é uma disciplina interessante de estudar e aprender? Sim ou Não? Por quê?

---

---

---

---

---

---

5. Ao se conectar na rede de internet você gosta de apreciar diferentes paisagens e compartilhar nas redes sociais? Sim ou Não? Por quê?

---

---

---

---

---

---

6. Qual o tipo de paisagem chama mais sua atenção?

---

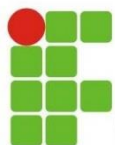
---

---

---

---

## Apêndice C – Carta-convite



### **A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no Ensino de Geografia**

#### CARTA-CONVITE

Senhor(a) professor(a)

Na condição de estudante do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, dirijo-me a Vossa Senhoria para solicitar a sua participação em uma pesquisa que objetiva entender os significados do conceito de paisagem constituintes da Sequência didática do programa de Geografia concretizadas nas práticas pedagógicas no curso de Educação de Jovens e Adultos e dos saberes mobilizados e suas implicações resultantes para o processo de formação cidadã dos estudantes e da construção da identidade docente do futuro professor de geografia. O estudo em tela constitui tema para Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Me. Clézia Aquino de Braga.

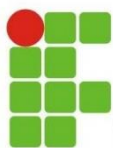
Ao buscar estudar a percepção dos estudantes sobre o conceito de paisagem e seus significados na escola Henriqueta de Oliveira, pretendem-se através de uma pesquisa crítica-reflexiva, colaborar para a discussão sobre a temática *A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no Ensino de Geografia*. Dessa maneira, gostaria de contar com sua colaboração no sentido de concessão de entrevistas, que serão concretizadas em local e horário estabelecidos em comum acordo, com duração de uma hora e trinta minutos.

Asseguro-lhe que a confiabilidade dos dados será mantida e a divulgação dos resultados não revelará respostas e informações específicas, apenas o conjunto agregado de dados. Certo do poder contar com você, como participante ativo desse processo, agradeço  
Antecipadamente.

Cordialmente,

Jonny Pádua Gomes.

## Apêndice D – Termo de livre consentimento



**A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no Ensino de Geografia.**

### TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

#### Termo de LIVRE Consentimento

Eu \_\_\_\_\_ concordo em participar, voluntariamente, da pesquisa a Percepção dos Estudantes do Curso da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Henriqueta Sobre o Conceito de Paisagem: vivências em campo de estágio no Ensino de Geografia

Recife, \_\_\_\_\_ de 2018

---

Cordialmente,  
Jonny Pádua Gomes.

## Apêndice E – Roteiro de entrevista com o professor da EJA



### **A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA HENRIQUETA DE OLIVEIRA SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM: vivências em campo de estágio no Ensino de Geografia.**

**Jonny Pádua Gomes**

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Caro(a) professor(a),

Prezado(a) colaborador(a), como informei anteriormente em conversa, estou realizando uma pesquisa com os estudantes e com o professor do ensino médio na modalidade EJA e suas percepções a respeito do conceito de paisagem, ensino, é fundamental na formação do futuro professor de Geografia e a referida temática é parte de meu trabalho de conclusão do curso em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE *Campus* Recife.

Nesse sentido, a sua participação é de suma importância, pois com sua experiência profissional e de vida certamente poderá colaborar neste estudo.

Em se tratando de um trabalho científico, é indispensável que as respostas sejam as mais fidedignas possíveis, não havendo, porém, necessidade de identificação.

Agradeço, desde já, a sua atenção e a sua generosa disposição em colaborar, sem os quais dificultaria este estudo.

Agradecemos antecipadamente,

---



---

## **O Professor e a Inserção do Conhecimento e a Investigação em Exercício Docente**

- ❖ A identificação para manter no anonimato, utilizamos o código da pesquisa letras e números. Exemplo: (P1).
- 7. Qual a sua Percepção a respeito do estudo da paisagem na formação dos estudantes do curso do EJA nas aulas de Geografia?
- 8. Na condição de professor ministrando o conhecimento geográfico, o senhor contempla na construção do planejamento o estudo da paisagem? Sim ou Não? Por quê?
- 9. Quais os procedimentos de ensino que o senhor utiliza para edificar o aprendizado dos estudantes em sala de aula? Os resultados propostos são sempre alcançados? Por quê?
- 10. Como você estudou a paisagem na sua formação acadêmica?
- 11. Em sua opinião, qual o papel do professor de Geografia na atualidade? Quais as habilidades que o professor que ensina Geografia na EJA deve desenvolver para promover a formação cidadã?
- 12. Quais são os principais desafios enfrentados pelo professor no processo ensino-aprendizagem com os estudantes?